

1ª GUERRA MUNDIAL

HISTÓRIA
EM FOCO

ESPECIAL
100
ANOS



R\$ 9,90



BATALHA POR BATALHA

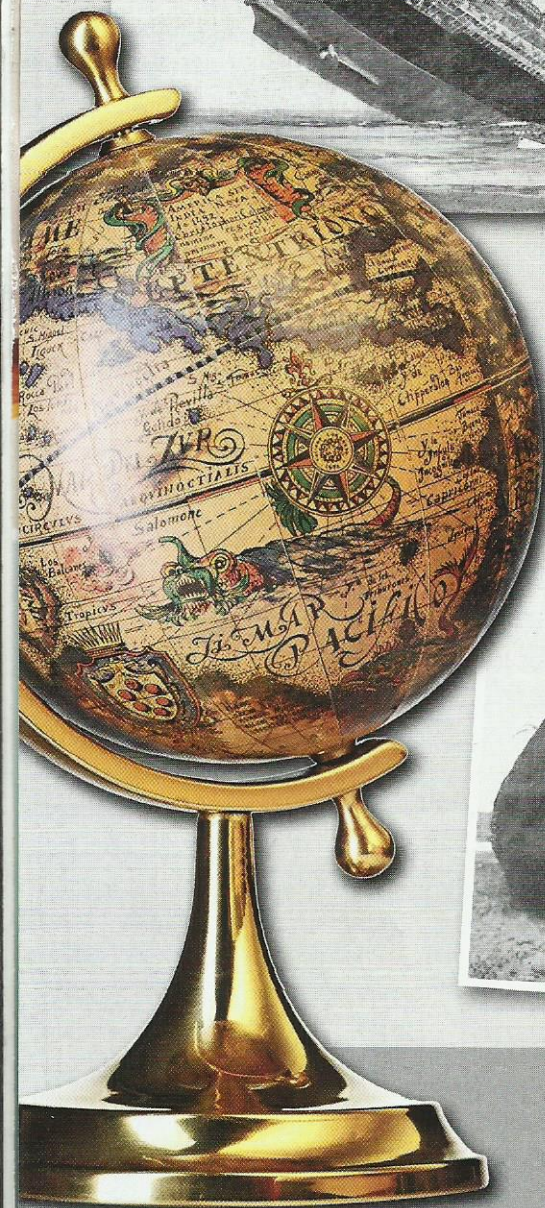
As disputas que
redesenham o
MAPA MUNDI

TUDO SOBRE O CONFLITO

- Imagens reais
- Cartas do front
- Mulheres na luta
- Exércitos negros
- As bombas de gás

LAMA, FOGO E SANGUE

Histórias dos homens na linha de frente
(e nos bastidores) das trincheiras da Grande Guerra



6 CORREIO DE BATALHA

Distante de suas famílias, além de informar, as cartas consolavam os soldados

7 SEGREGAÇÃO EM CAMPO

O preconceito racial não deu trégua nem mesmo durante a guerra

8 O IRMÃO DO TITANIC

Quando o fogo estende-se ao oceano

10 ESTOPIM

O assassinato do arquiduque austro-húngaro Franz Ferdinand

11 20 PONTOS CRUCIAIS

Os momentos decisivos da Primeira Guerra Mundial

14 OS HOMENS DA GUERRA

Heróis e vilões rechaçados pelo povo

16 SOLDADOS DE PATAS

A participação dos animais contribuiu para o alcance dos objetivos

17 TEM NOVIDADE NO FRONT

Investimento pesado no desenvolvimento de novas tecnologias

18 O DIA EM QUE A PAZ ACABOU

Revanche para os franceses, ambição dos russos, imperialismo inglês e confronto com os alemães

21 AS 10 PRINCIPAIS BATALHAS

A cada conflito, uma nova fronteira é traçada no mapa europeu

32 CESSARAM-SE AS ARMAS

A paz foi restabelecida, com prazo de validade

34 TERRENO FÉRTIL

As imposições do Tratado de Versalhes afundam os alemães ainda mais

37 BARRIL DE PÓLVORA

Revolução comunista tira Rússia da Primeira Guerra

38 ENTRADA TRIUNFAL

Com os EUA, os alemães perdem as chances de vencer o conflito

40 A ARTE DA NECESSIDADE

O vanguardismo que nasce das batalhas

42 A DECEPÇÃO DE SANTOS DUMONT

O avião vai à guerra, para a tristeza de seu inventor

43 AVANÇO SOBRE AS ÁGUAS

Rússia: uma pioneira em alto-mar

44 SEXO FORTE

Você pode não saber, mas elas foram aos campos de batalha

47 FOGO ONIPRESENTE

Por terra e ar, a luta nunca tem fim

48 MENOS OITO MILHÕES

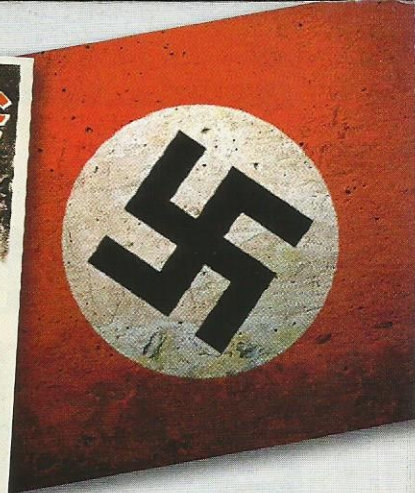
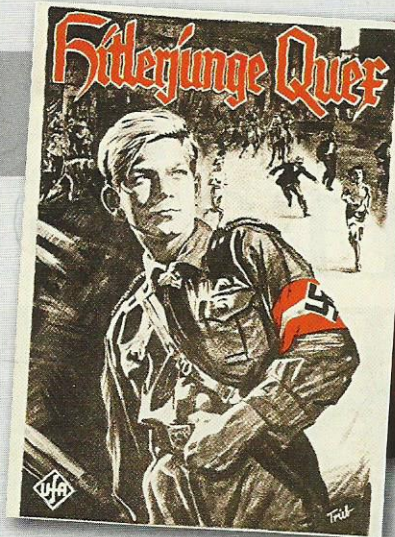
Os cavalos que ajudaram no combate eram, também, alvos fáceis

49 TRÉGUA FESTIVA

O espírito natalino tomou conta dos corações dos soldados

50 CAÇANDO A HISTÓRIA

Objetos de guerra são verdadeiras – e valiosas – raridades



Correio de BATALHA

“É estranho ter a sensação de que se está acima das nuvens. Você gostaria de estar aqui em tempos de paz (...). Na era da comunicação nem tão assertiva, mas sempre veloz, como é, para você, imaginar que uma carta poderia demorar até um ano para ser lida? Com o agravante de que, com todo esse intervalo, seu remetente poderia nem estar vivo quando o destinatário recebesse a carta.

Willian Henry Bonser Lamin, que assinava como Harry, escreveu muitas destas correspondências a partir de 1917, quando foi para o front e passou a trocar cartas com seus irmãos Kate e Jack. Entre cartões e souvenir para os filhos, agradecimentos pelos maços de cigarro e pedidos para que enviassem menos fumo e mais alimentos, como biscoitos e chocolates, o ex-combatente da Primeira Guerra certamente não imaginava que suas histórias seriam contadas ao mundo todo por meio de seu neto, Bill Lamin.

Ainda criança, Bill encontrou as correspondências e decidiu divulgá-las num blog, quase sempre respeitando a data em que foram enviadas para seus parentes. Deste modo, criou um clima de mistério, uma vez que nunca se sabia quando “chegaria” a próxima correspondência, nem qual seria o desfecho do blog. Não vamos soltar nenhum spoiler para quem deseja acompanhar a saga do soldado Harry, mas é possível adiantar que

sua comunicação perdura durante um bom tempo de guerra...

Harry é um entre os milhões de soldados que rumaram para as linhas de frente e deixaram a dúvida se voltariam ou não. Recentemente, o governo inglês reuniu diários e cartas de ex-combatentes, digitalizou o material completo e o disponibilizou para que os familiares de muitas gerações pudessem acessá-lo. Para isso, é preciso saber o nome do soldado e o ano de sua morte e, por esse motivo, o serviço acaba se tornando restrito àqueles que têm algum grau de parentesco com os soldados. Se for o

Cartas de soldados, que levavam meses para chegar ao destino, estão agora disponíveis on-line, revelando a fragilidade dos sentimentos de seus remetentes

seu caso, é bom se preparar para trechos comoventes: “Estou me preparando para lutar e só me arrependo de não ter visto vocês antes, mas, mãe querida, não perca a esperança. Eu posso voltar para casa um dia”, escreveu um combatente inglês em 1914, conforme divulgado pelo jornal The Guardian. 

Saiba mais:

Arquivos britânicos da Primeira Guerra:
nationalarchives.gov.uk/first-world-war

Blog de Harry Lamin:
wwar1.blogspot.com.br

22 de abril de 1918

Querido Jack

Desculpe por não ter escrito ultimamente, mas estávamos no front de Asiago Plateau (Itália), completamente diferente de Piave. Num primeiro momento, partimos rumo à montanha, o mais longe que pudemos. O clima era quente quando estávamos na planície, mas quando chegamos às trincheiras havia neve e fazia muito frio. Depois começou a chover e ficamos cada vez mais encharcados. Não tinha muita coisa para se fazer com o tempo chuvoso e a neve, mas agora voltamos à planície e estou na minha melhor condição física. A esta altura que você lê essa carta, já devo ter partido há um ano. Fiquei muito perturbado em saber que o papai morreu. Recebi uma carta de Ilkeston dizendo que ele morreu em 7 de abril. Fico feliz que você continue me escrevendo, e espero que vocês estejam saudáveis. Parece que não estamos nos dando bem na Guerra, e não me surpreende se alguns dos nossos não retornar. Escreva-me de volta assim que puder, eu também voltarei a escrever em breve. Acho que não voltaremos para as montanhas enquanto estivermos nas trincheiras, é estranho ter a sensação de que se está acima das nuvens. Posso dizer que vimos alguns sinais aqui, você gostaria de estar aqui em tempos de paz, em algum feriado. Agora vou escrever para Kate.

*Com todo o meu amor,
Harry*

SEGREGAÇÃO em campo

Apesar de subestimados os soldados negros foram louvados pela força militar francesa



Apesar de, supostamente, negros e brancos estarem do mesmo lado, o preconceito racial foi para o front junto aos soldados norte-americanos

Em um discurso inocentemente leigo, algum cidadão norte-americano desavisado pode ser levado a crer que um “objetivo maior” como a guerra poderia, mesmo que temporariamente, dar fim à segregação estabelecida em seu país. A História mostra que não foi bem assim e, embora a legislação que garantia direitos iguais aos negros já houvesse sido aprovada, a Primeira Guerra Mundial contou com a participação de exércitos formados exclusivamente por negros não aceitos em outros regimentos.

É o caso da 92ª Divisão de Infantaria Americana, com afroamericanos de diversos estados e organizada em outubro de 1917, em Camp Funston, Kansas.

Apesar de sua participação constar nos autos da Segunda Guerra, os Buffalo Soldiers, ou Soldados Búfalos como foram apelidados, partiram para a França em 1918, último ano da 1ª Guerra. Diz-se que o apelido teria aparecido bem antes de os búfalos se apresentarem às trincheiras europeias. Ao final de 1860, como voluntários do exército americano, foram vistos pelos índios como uma ameaça imponente de pele negra,

tal qual o animal que os apelidou. Há relatos de que a origem estaria também no fato de que tais soldados improvisaram um aparato para sobreviver ao frio dos invernos rígidos a oeste, utilizando o couro de búfalo como proteção.

Do inferno, para o inferno

No último ano da guerra, os búfalos reforçaram o exército norte-americano, mas uma outra unidade negra já havia se iniciado no front. Como era de praxe, ganharam um apelido relacionado à força. Enquanto os franceses os chamavam de Homens de Bronze, os alemães cunharam o que veio a se popularizar como Lutadores do Inferno de Harlem, os *Harlem Hellfighters*.

O rastro separatista seguiu os norte-americanos pela Europa: enquanto os homens brancos eram vistos como os valentes, os negros do Harlem eram deixados em segundo plano, ficando responsáveis por carregar cargas e realizar serviços secundários. Contudo, o exército francês era reduzido pelos inimigos, surgindo a oportunidade para que os Hellfighters tomassem a frontline. Eles assumiram a

responsabilidade e passaram a ser vistos com admiração pelos homens da França, reconhecimento que não tiveram com os soldados de sua nacionalidade.

A prova da superação veio materializada na medalha Croix de Guerre, a Cruz de Serviços Distintos francesa, dada ao soldado Henry Lincoln Johnson, o primeiro americano (sim, americano, e não americano negro) a receber a honra. E não é exagero dizer que a trajetória dos Harlem Hellfighters é coisa de cinema, já que o novo graphic novel de Max Brooks (criador de Guerra Mundial Z), que aborda a história do batalhão negro em um misto de ficção e realidade, será adaptado para a grande tela ainda este ano. 

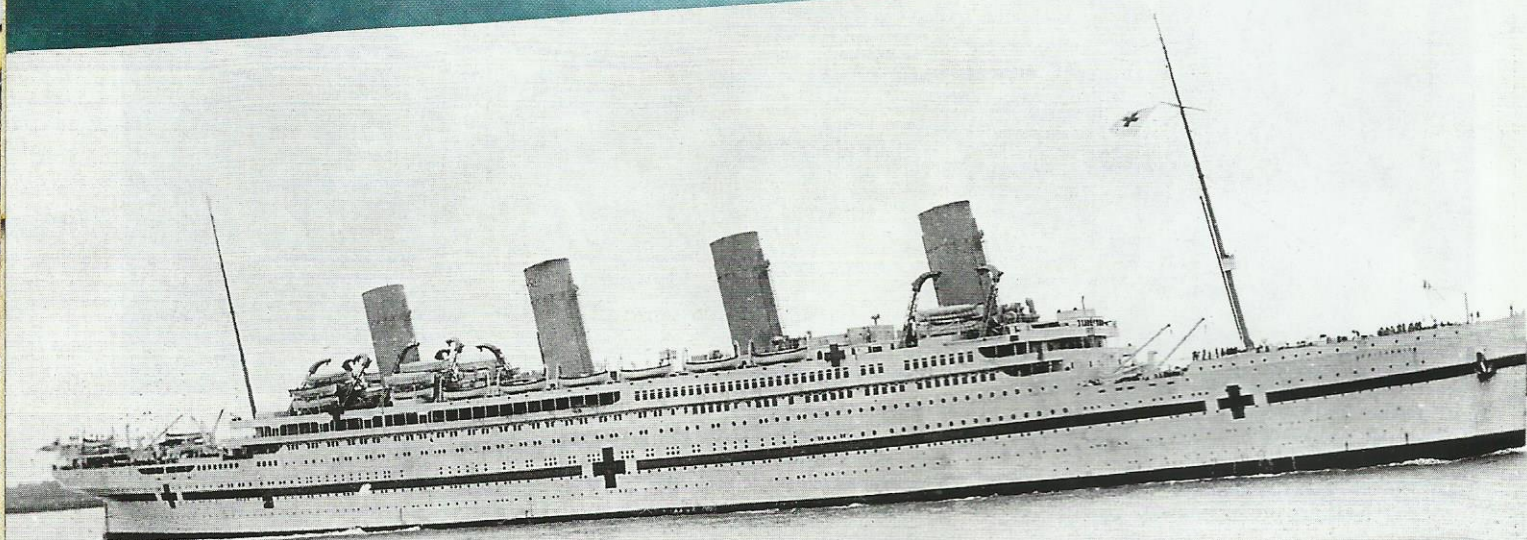
Saiba mais:

Livro: *The Harlem Hellfighters – When pride met courage* (Quando o orgulho conhece a coragem), de Walter Dean Myers
Disponível sob importação, somente em língua inglesa

Graphic Novel *The Harlem Hellfighters*, de Max Brooks e Caanan White
Disponível no Brasil no iTunes, somente em língua inglesa

O irmão do TITANIC...

... e outros protagonistas de naufrágios (em tempos de guerra, nem terra firme, nem além-mar garantiam segurança)



Má sorte na Grécia

Esquecido na História, o HMHS Britannic foi lançado em 1914, ano que marca o início da Grande Guerra. Seu irmão primogênito ganhou fama, filme e título de maior naufrágio até os dias atuais. Mas o Britannic entrou para o hall das tragédias marítimas por estar entre as maiores embarcações afundadas, isso depois de servir como hospital para os combatentes. Ao contrário do hollywoodiano Titanic, o navio contava com botes salva-vidas suficientes para resgatar os 1066 passageiros presentes. No entanto, um incidente fez com que 30 deles não sobrevivessem, já que, no momento em que um dos botes foi lançado, os motores ainda estavam em funcionamento, sendo que este salva-vidas foi sugado pelas hélices, resultando na morte dos que estavam nele.

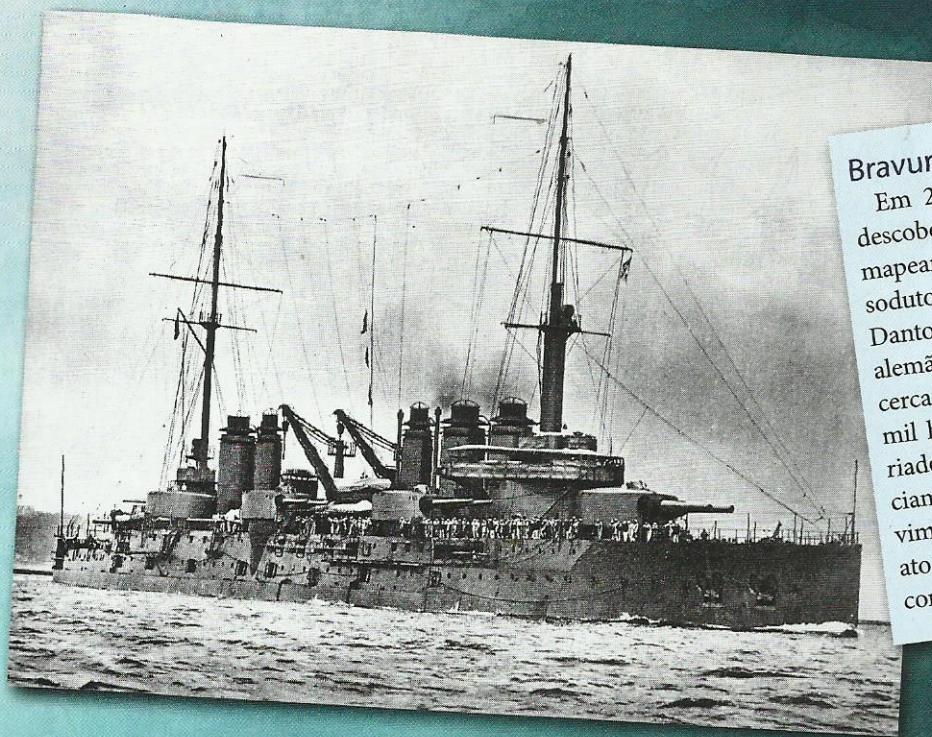
O incidente aconteceu nas águas da Grécia, em 1916, depois que a embarcação colidiu com uma mina marítima, levando cerca de 50 minutos para afundar.

Tempo recorde

No fundo do Mar Egeu repousam os restos do Royal Edward, um navio de passageiros que transportava tropas britânicas durante as batalhas. Seu dia de azar foi em 13 de agosto de 1915, quando esteve na mira das tropas alemãs que prepararam a mira certa. Dois torpedos foram lançados, atingindo a embarcação e deixando os homens que estavam nos decks inferiores sem tempo para agir. O número de mortos ultrapassou 900 (grande parte daqueles que não tiveram como subir para os outros níveis do navio). Passados seis minutos, a popa já estava debaixo d'água.

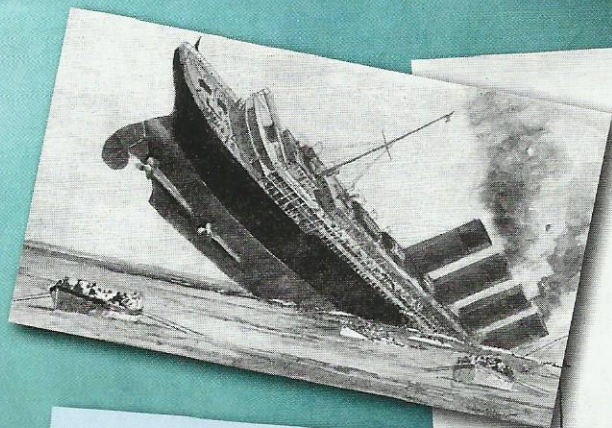
Made in Brazil

Sim, navios brasileiros estão na lista dos abatidos pelos alemães. Enquanto navegava próximo ao canal da Mancha, quando levava toneladas de café à França, o navio Paraná foi atingido pelos submarinos U-boats da força germânica, em abril de 1917. Não há informações precisas sobre o número de mortos, mas o fato é que este episódio é considerado um dos estopins para a entrada do Brasil na Grande Guerra. Tijuca viria a ser a próxima embarcação a ficar na mira dos alemães, depois de o Brasil ter se posicionado formalmente contra a Tríplice Aliança. Em maio do mesmo ano, o Tijuca foi atingido, o que levou as tropas brasileiras a confiscar navios mercantes alemães atracados em território nacional e partir com eles para a briga.



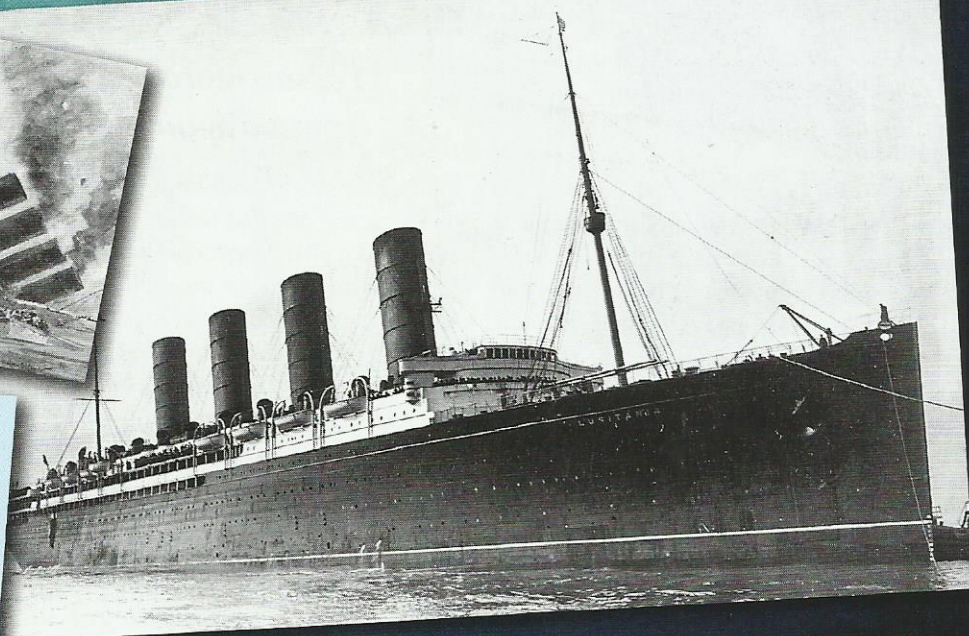
Bravura embaixo d'água

Em 2009, mais um navio naufragado foi descoberto por pesquisadores, durante um mapeamento para a construção de um gasoduto, entre a Argélia e a Itália. O francês Danton também foi vítima dos bombardeios alemães, e afundou em 1917, levando com ele cerca de 800 passageiros, sendo que mais de mil homens estavam a bordo. Alguns historiadores acreditam nas evidências que denunciavam: o comandante sequer chegou a se mover para escapar da morte. Parece que o ato de afundar junto à embarcação era muito comum entre os superiores...



Mentira de perna curta

Mesmo com a notável superioridade britânica quando assunto era embarcação (o que incluía 85 submarinos contra 25 dos alemães), os germânicos conseguiram naufragar o RMS Lusitania, navio da esquadra inglesa que afundou em 7 de maio de 1915, na Irlanda. Torpedeado pelas tropas da Alemanha, o Lusitania levou 18 minutos para ser encoberto pelas águas. O inusitado é que a tropa da Grã-Bretanha foi acusada de usar o navio para contrabandear munição, o que foi veementemente negado. Contudo, anos depois, em 1972, foi provado que os ingleses agiram de má fé ao realizar o contrabando. Mais de mil mortos foram contabilizados.



O que a Alemanha tinha?

U-Boat é uma abreviação para Unterseeboot (traduzindo: embarcação submarina), e os apaixonados pelo tema "Primeira Guerra" já devem ter ouvido falar muito sobre o termo. A série de submarinos foi fabricada na Alemanha e utilizada pelas tropas também na Segunda Guerra. Mas foram os russos que inspiraram a criação, já que seu modelo foi o exemplo para a criação do primeiro U-boat, que data de 1906.

Apesar de ficar atrás quando a questão é o número, a esquadra naval alemã contou com embarcações de superfície para garantir respaldo aos submarinos. Assim, encouraçados, destróieres e cruzadores serviram de apoio para os U-boats, – que sozinhos, quase derrotaram toda a frota do Reino Unido, fato que não garantiu o sucesso das tropas germânicas no combate.



ESTOPIA

O assassinato do arquiduque Austro-húngaro foi a gota d'água para a Primeira Guerra Mundial

Fotos: Divulgação

No dia 28 de junho de 1914, um episódio mudou definitivamente a História do século 20: o assassinato do arquiduque e herdeiro do Império Austro-Húngaro, Franz Ferdinand, e de sua esposa Sofia Chotek. Era uma manhã de verão em Sarajevo, capital da Bósnia-Herzegovina, Franz e sua comitiva de carros passavam pelas ruas da cidade, quando foram surpreendidos com um ataque de bomba. A princípio, a sorte parecia acompanhar o herdeiro, que saiu ileso do atentado, graças ao seu motorista que conseguiu acelerar o suficiente para que a bomba explodisse atrás do carro. Dois de seus funcionários foram feridos no ataque, sendo necessário interná-los.

Com certeza Franz não tinha ideia de que sua vida ainda corria perigo, com isso se arriscou junto a sua esposa expondo-se novamente em seu carro com a capota aberta. Eles estavam a caminho do hospital para visitar as vítimas do atentado daquele trágico dia. Mas a sorte mudou quando o seu motorista errou o caminho, de modo que passaram em frente ao café Shiller, onde estava o jovem sérvio Gavri-

lov Princip. Surpreendido pela presença do carro real, ele não hesitou em atirar, atingindo o alvo desejado. O arquiduque foi ferido no pescoço e sua mulher teve o abdômen perfurado. Os tiros foram fatais e antes de morrer Franz pronunciou suas últimas palavras: "Sopher!! Sopher!! Sterbe nicht! Bleibe am Leben für unsere Kinder!" Ele dizia: "Sofia, Sofia! Não morra! Fique viva para nossos filhos!"

Logo após o crime, o casal foi levado até o palácio governamental, mas quando chegaram, já estavam mortos.

Versão oficial

O relatório da justiça austríaca a respeito do assassinato de Franz Ferdinand contém os depoimentos dos cinco servos que planejaram o assassinato do arquiduque — Gavril Princip, Nedeljko Cabrinovic, Trifko Grabez, Vaso Cubrilovic e Cetres Popovic. Todos eram membros da Odbrana Narodna, um grupo nacionalista formado em 1908, por sérvios que viviam na Bósnia e Herzegovina e eram contra a anexação do território ao Império Austro-Húngaro. Em abril de

1914, Princip, durante a sua estadia em Belgrado, capital da Sérvia, associou-se com um grupo de estudantes. Eles se encontravam em cafés da cidade, onde planejavam o atentado contra a vida do herdeiro do trono Austro-Húngaro. A partir de então começou uma busca incessante pelas armas que seriam usadas no assassinato. Assim chegaram até o major sérvio Voja Tankosic, que disponibilizou o armamento. Antes do ataque, o grupo treinou mira e se familiarizou com o uso de bombas. No dia 27 de maio de 1914, receberam dinheiro, seis bombas, quatro revólveres Browning, munições e um tubo de vidro com cianeto de potássio, com o qual deveriam envenenar-se após o assassinato, a fim de manter tudo em segredo. O plano de suicídio fracassou, acreditase que por causa da insignificante dose de veneno diluído, e os terroristas foram presos, de modo que Nedeljko Cabrinovic confessou ter sido o primeiro a tentar matar Ferdinand. E foi Gavril Princip quem acabou tendo sucesso na missão, disparando dois tiros que vitimizaram fatalmente Franz e sua esposa. 

Texto: Isadora de Oliveira/ Colaboradora

Foto: Thinkstock/Getty Images

20 PONTOS CRUCIAIS

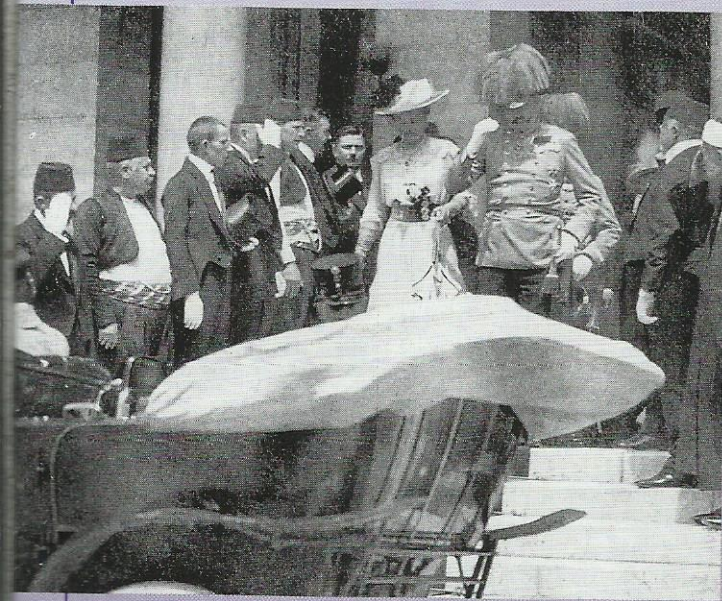
O evento que mudou os rumos da humanidade também foi feito de acordos, inovações tecnológicas e pedidos de paz

1914

28 de junho

Assassinato de Francisco Ferdinando

Apesar de o atentado contra o Arquiduque ter sido apenas um pretexto para deflagrar a guerra, o acontecimento ficou marcado como seu estopim. Após uma tentativa falha de acertar o herdeiro do Império Austro-Húngaro, este e sua esposa são alvejados em Sarajevo, enquanto saíam do hospital em que estavam sendo atendidas as vítimas do atentado ocorrido pouco antes.



28 de julho

Áustria-Hungria declara guerra à Sérvia

A Grande Guerra era iminente, motivada por interesses particulares dos países europeus. A divisão do continente africano, por exemplo, gerou divergências uma vez que teria ocorrido de maneira desigual. Passado o atentado de Sarajevo, a Áustria-Hungria cobrou providências para que os responsáveis fossem capturados e punidos. O anúncio da guerra veio com o cruzar de braços das autoridades sérvias.

5 de setembro

Primeira Batalha do Marne

O conflito, que se estendeu até 12 de setembro e ganhou esse nome por acontecer ao longo de um dos principais afluentes do Sena (França), foi a chance que os alemães encontraram para derrotar os franceses. Contudo, a Alemanha foi vencida e precisou recuar.

26 de agosto

Batalha de Tannenberg

Inicia-se a luta que é considerada o maior sucesso da Alemanha no front oriental e, consequentemente, difícil perda para a Rússia.



3 de agosto

França se alia à Rússia

Era a vez de a Rússia buscar aliados, e um deles foi a França. Um dia depois, a Alemanha decide atacar por meio da Bélgica, quando a Grã-Bretanha também passa a se envolver, se voltando contra os alemães.

1º de agosto

Alemanha entra no conflito

Um país tinha aliança com outro, que tinha aliança com outro e assim toda a Europa se envolveu no conflito. Quatro dias depois da decisão da Áustria-Hungria, a Rússia entrou na briga em favor da Sérvia. Por sua vez, a Alemanha também se envolveu para proteger a Áustria-Hungria e no primeiro dia de agosto se posicionou oficialmente contra a Rússia.

1915

25 de abril

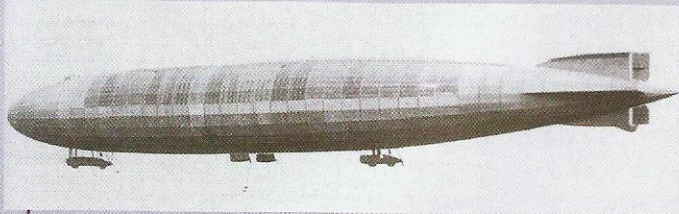
Campanha de Galípoli

Marca da Primeira Guerra, as trincheiras eram novidade e pediam alternativas para quem quisesse sair vencedor. O governo da Grã-Bretanha propôs a campanha, que se estendeu até 9 de janeiro de 1916, para dar suporte à Rússia. No entanto, a estratégia teve falhas no planejamento, levando os Aliados à frente ocidental.

8 de setembro

Zeppelin ataca a Inglaterra

Heinrich Mathy, um dos grandes (se não o mais famoso) comandantes de Zeppelin, ataca o centro de Londres, matando 22 pessoas e causando um prejuízo de 500 mil libras.



31 de julho

Batalha de Passchendaele

Para os ingleses, é considerado o pior episódio de guerra devido ao cenário lamacento que colaborou para o sofrimento dos soldados. As chuvas de outubro transformaram a paisagem em lodo e as bombas abriram crateras no solo nas quais muitos se afogaram – como se não bastasse o fogo cruzado.

6 de abril

EUA entram na guerra

A política de neutralidade do país chega ao fim depois da decisão alemã de destruir qualquer navio que se aproximasse da Inglaterra, com a intenção de impedir que suprimentos chegassem aos ingleses. Foi então que o presidente Woodrow Wilson declarou: "Esta é uma guerra da Alemanha contra todas as nações. Navios americanos têm sido afundados e vidas americanas, tomadas".



1916

21 de fevereiro

Batalha de Verdun

Apesar do grande número de mortos e da perda do território, o momento, que se estendeu até 18 de dezembro, é celebrado pelos franceses. Considerada a pior da Primeira Guerra, consagrou Philippe Pétain, O Herói de Verdun, por sua bravura na batalha. Curiosamente, Pétain viria a se transformar no Traidor de Vichy, depois de colaborar com a Alemanha (justamente o país que enfrentou em Verdun) durante a Segunda Guerra.



1º de março

Divulgação do telegrama Zimmermann

Contendo uma mensagem do ministro do Exterior germânico ao seu embaixador no México, o documento propunha uma aliança entre os dois países no caso de uma guerra entre os EUA e a Alemanha. Em 26 de fevereiro, Woodrow Wilson já havia tomado conhecimento do telegrama. No dia seguinte, propôs ao Congresso começar a armar os navios contra possíveis ataques germânicos e autorizou que o telegrama fosse publicado nas primeiras páginas dos principais jornais norte-americanos.

1917

4 de junho

Ofensiva de Brusilov

Os russos levaram vantagem sobre os austro-húngaros, obrigando a Alemanha a ajudar seu país coligado. Contudo, ao enviar reforços para a Áustria-Hungria, acaba abrindo a guarda na frente ocidental, dando vantagem a franceses e ingleses.

7 de novembro

Revolução Bolchevique

A data corresponde ao calendário ocidental, mas aconteceu no dia 25 de outubro, de acordo com o calendário juliano que vigorava na Rússia nesse período.

O governo russo sofre sua queda e um mês depois os bolcheviques assinam armistício com a Alemanha. O resultado: todas as tropas alemãs disponíveis podem ser transferidas para a frente ocidental.

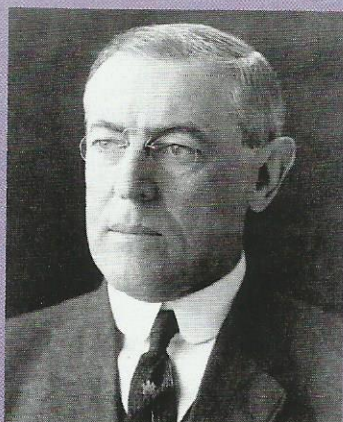


1918

8 de janeiro

14 Pontos de Wilson

Em mensagem enviada ao Congresso americano, o Presidente Wilson elencou os 14 pontos de sua plataforma para a Paz, que concebia, entre outros, uma Liga das Nações – órgão internacional que evitaria novos conflitos atuando como árbitro nas contendas entre os países.



21 de março

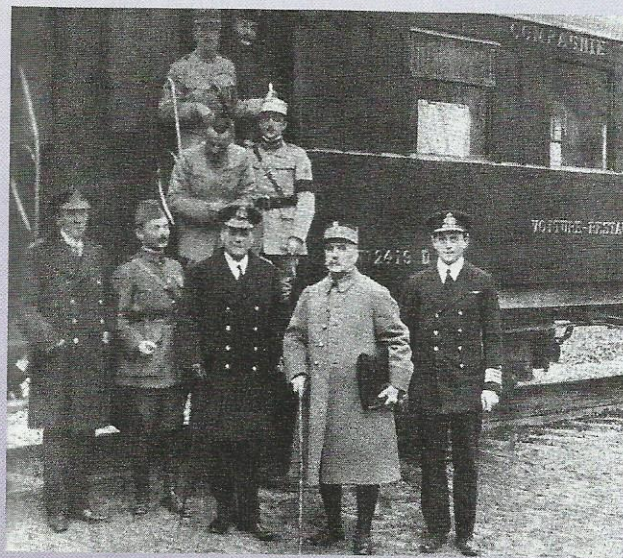
Ofensiva de Ludendorff

Erich Ludendorff, famoso general alemão, planejava uma ofensiva (já que os russos saíram do conflito) para derrotar França e Inglaterra antes que os EUA chegassem para reforçar o exército dos Aliados. Os alemães garantiram sucesso na missão, que se estendeu até 17 de julho, e quase venceram a guerra.

11 de novembro

Derrota da Alemanha

Com a saída da Áustria-Hungria, o espírito de derrota começou a se espalhar pelo território alemão. Erich Ludendorff renuncia, motins são formados, Kaiser Wilhelm II abdica e Kaiser Guilherme II foge para a Holanda. Assim, o país assina o armistício em Compiègne, marcando o fim da Grande Guerra.



9 de novembro

Proclamação da República Alemã

O clima de revolução toma conta das ruas. Com a abdicação de Guilherme II, o líder social Philipp Scheidemann tornou extinto oficialmente o segundo Reich alemão e proclamou a República.

3 de novembro

Saída do Império Austro-Húngaro

A Batalha de Vittorio Veneto, iniciada em 24 de outubro por italianos, franceses, britânicos e americanos, foi a gota d'água para os austro-húngaros. Sem condições de continuarem na guerra, assinam o armistício e encerram sua participação no conflito.

30 de setembro

Rendição da Bulgária

Os quatro anos de batalhas foram extremamente desgastantes, fisicamente e psicologicamente. Não tendo efetivo necessário para resistir ao avanço dos Aliados, a Bulgária assina o armistício, seguida do Império Otomano – que o faria em 30 de outubro.

Os HOMENS da

Primos imperadores

Você sabia que os imperadores da Rússia, Alemanha e Grã-Bretanha, cujas decisões foram decisivas para determinar os rumos da Primeira Guerra Mundial, eram unidos por laços de sangue? Todos descendiam da rainha britânica Vitória, mas pelo visto, o parentesco não foi suficiente para acalmar os ânimos na Europa.

Guilherme II, imperador alemão (1888-1918)*

O kaiser da Alemanha era arrogante e autocrático, acreditava sempre estar certo. Guilherme queria que a Alemanha alcançasse as potências da época na corrida imperialista, e tinha o ideal de conquistar territórios na Ásia e na África e assim colonizá-los.



Nicolau II, imperador russo (1894-1917)*

Apesar de ser conhecido por sua inteligência, a inexperiência prejudicou suas decisões em momentos cruciais do conflito. A guerra representava para ele a chance de recuperar o prestígio perdido após a derrota para os japoneses em 1905, na Batalha de Tsushima.



George V, imperador britânico (1910-1936)*

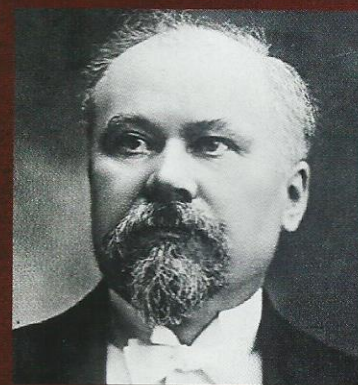
Ele trocou telegramas nas vésperas da eclosão da guerra, com seu primo, o imperador russo. Duas mensagens do fim de julho de 1914 mostram que ambos queriam evitar o conflito, mas não conseguiram chegar a um acordo. George disse a Nicolau, "A Áustria se mobilizou apenas contra a Sérvia, e com apenas parte de seu exército. De acordo com seus relatos, se a Rússia mobilizar-se contra a Áustria, o papel de mediador que você generosamente me incumbiu, e que aceitei por seus apelos expressos, estará em perigo, senão arruinado. Todo o peso da decisão está em seus ombros, que agora carregam a responsabilidade da paz ou da guerra". Nicolau, respondeu ao primo: "É tecnicamente impossível parar nossas preparações militares, que foram obrigatórias devido à mobilização da Áustria".



Líderes políticos

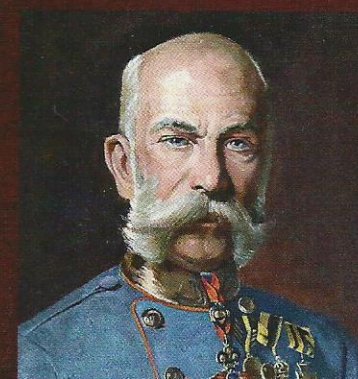
Raymond Poincaré, presidente francês (1913-1920)*

Nacionalista, Poincaré queria vingar-se da Alemanha, que após vencer a Guerra Franco Prussiana (1870-1871), tomou dos franceses os territórios da Alsácia-Lorena.



Francisco José I, imperador da Áustria (1848-1916)* e rei da Hungria (1867-1916)*

Quando o arquiduque Austro-húngaro Franz Ferdinand foi assassinado, em Sarajevo, ele não hesitou em declarar guerra à Sérvia. Foi assim que se iniciou a Primeira Guerra Mundial. A partir de então, as potências mundiais aliaram-se e escolheram um lado no conflito.



GUERRA

Líderes dos campos de batalha

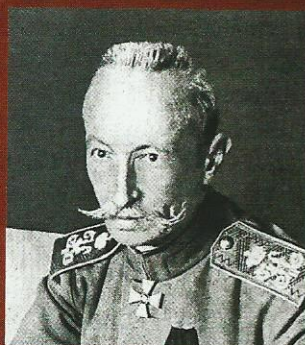


Mustafa Kemal Atatürk (1880-1938)*

O coronel do exército otomano foi essencial na Batalha de Galípoli, em 1915, quando derrotou os britânicos. Em 1923, ele fundou a República da Turquia, e se tornou o primeiro presidente do país.

Aleksei Brusilov (1853-1926)*

Foi o mais bem-sucedido soldado russo durante a grande guerra, e apesar de seus homens não conseguirem derrotar as Potências Centrais, pelo menos impediram que os Aliados perdessem.



Luigi Cadorna (1850-1928)*

Milhares de soldados italianos morreram sob o comando deste chefe do exército. Foi duramente criticado pela atuação na Batalha de Caporetto.



Douglas Haig (1861-1928)*

A partir de 1915 foi o Comandante da Força Expedicionária Britânica, e responsável pelo planejamento das batalhas de Passchendaele e do Somme, que vitimizou milhares de soldados.

Presidentes, imperadores e generais que decidiram os rumos da Grande Guerra

Ele desceu do muro

Thomas Woodrow Wilson, presidente norte-americano

Durante o seu governo, os EUA deixaram a neutralidade no conflito de lado e declararam guerra à Alemanha. E no dia 8 de janeiro de 1918, Wilson apresentou ao mundo os "14 pontos", documento que tinha como objetivo colocar fim à guerra, criar a "Sociedade das Nações", devolver a Alsácia-Lorena à França e evitar que os alemães fossem humilhados — era como se ele já previsse a Segunda Guerra. Porém, os parlamentares norte-americanos votaram contra, de modo que os ideais de Wilson não saíram do papel.



SOLDADOS de PATAS

Cachorros e camelos, junto a pombas e abelhas, tiveram seus “talentos” aproveitados para ajudar os exércitos nas linhas de frente

Camelos

Excêntricos e com um jeitão tranquilo, ninguém suspeitaria que estes animais já tivessem entrado num campo de guerra. Mas, como diz o ditado, “quem não tem cão, caça com gato” — neste caso, com camelos. No entanto, foram utilizados com restrições, já que não eram tão fortes como cavalos, por exemplo, para encarar um choque de tropas. A arma dos soldados do Oriente Médio e do norte da África foi perceber que o cheiro dos camelos causava medo à cavalaria inimiga. Outra vantagem: adaptados ao clima árido, eram mais resistentes ao clima de guerra, com comida rara e algumas vezes sem água. Embora o emprego de camelos em batalhas tenha sido mais frequente no século 18 — já que o desenvolvimento bélico deu desvantagem às tropas que não utilizavam cavalos — os simpáticos quadrúpedes ajudaram os árabes durante a Grande Guerra, principalmente no transporte de cargas.

Cães

O melhor amigo do homem entrou em ação para, entre outras funções, ajudar as pombas nos serviços de correio. Os cachorros, mesmo sob troca de tiros,

atravessavam as trincheiras para cumprir a missão de possibilitar a comunicação entre os militares. Triste é o fato de que centenas deles foram abatidos, quando não no campo de batalha, ainda durante o treinamento — que segundo a Agência de Notícias de Direitos Animais (ANDA), era realizado com o uso de bombas e choques. Contudo, ao lado do retrato de exploração ficaram os registros de amizade entre soldados e cachorros. Um deles, também foi homenageado por ter avisado os inimigos de longe e alertado sua tropa sobre o perigo.

Pombos

Os primeiros carteiros de que se tem notícia ganharam fama por utilizarem um sistema de bússola interna, que intrigou cientistas até que fosse desvendado o segredo: muito antes do nosso GPS, por meios dos neurônios, as aves já sabiam como ler a direção e intensidade do campo magnético da Terra.

Os militares da Primeira Guerra também se aproveitaram da habilidade dos pombos para dar uma ajudinha na comunicação. Um herói não muito conhecido foi Cher Ami (que significa “querido ami-

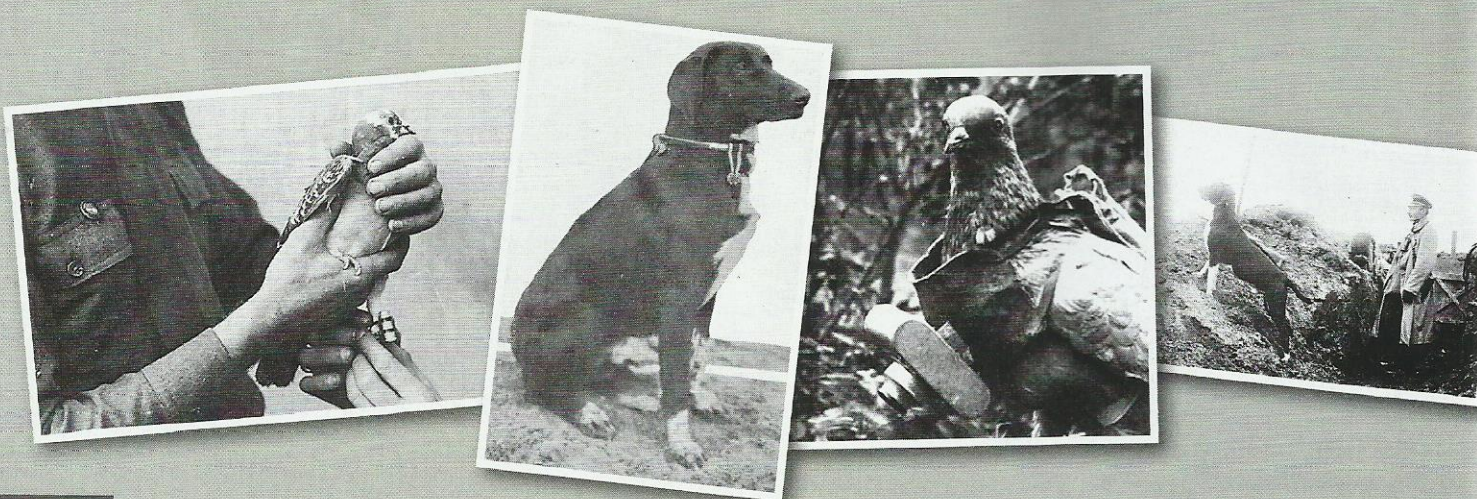
go”), premiado na França por entregar dezenas de mensagens e ter guiado um batalhão norte-americano perdido. Ao todo, mais de 200 mil aves foram usadas neste antigo sistema de correspondência.

Abelhas

Pouca gente sabe, mas de acordo com antigas reportagens do jornal inglês The Times, a Batalha de Tanga, que ocorreu em solo africano, ganhou o codinome de Batalha das Abelhas Selvagens depois que os soldados alemães contaram com um pequeno exército formado por esses insetos. Os Askaris, aliados da tropa alemã, enfrentaram o exército britânico formado, inclusive, por indianos. Estes, por sua vez, quando partiram para o ataque, se encontraram em uma região pantanosa, de difícil mobilidade e, claro, foram recebidos com alvejadas dos africanos Askaris. Curiosamente, as abelhas “soldados” se assustaram com o movimento da batalha e começaram a sair dos troncos, mas há um detalhe importante: os insetos só atacaram os indianos. Aproveitando-se da situação, obviamente, o exército alemão contra-atacou e obrigou a tropa britânica a retroceder. 

Fotos: Divulgação

Texto: Tatiana Santos



Tem novidade no front

A era de ouro europeia, que tem seu fim marcado justamente quando se inicia o grande conflito, registra também o avanço da tecnologia. Para o bem e para o mal

Gás tóxico

As máscaras são características fortes quando o assunto é Primeira Guerra. A indústria química não parava de se desenvolver e, de experimentos em experimentos, chegou-se a fórmula que abateria soldados em minutos. O exército alemão foi o primeiro a fazer uso dos gases de mostarda e cloro, surpreendendo os inimigos que não contavam com tal artifício e caíam sobre as trincheiras, depois de inalarem o que ficou conhecido como vapor da morte. O impacto das mortes foi tanto que, ao fim da guerra, líderes de muitos países assinaram um acordo concordando que as substâncias não seriam mais utilizadas.



Os animais também precisavam de proteção para resistir ao gás de cloro

Avião

Como você irá acompanhar nesta edição, o advento aéreo pode ter sido a causa do suicídio de Santos Dumont. Isso porque, mais uma vez, a tecnologia foi mal aproveitada pelas tropas dos dois blocos oponentes. Primeiramente, o transporte aéreo foi utilizado para realizar mapeamentos durante as missões. Mais tarde, o ataque passou a vir de cima, com bombardeios não somente sobre as trincheiras, mas também sobre as cidades.

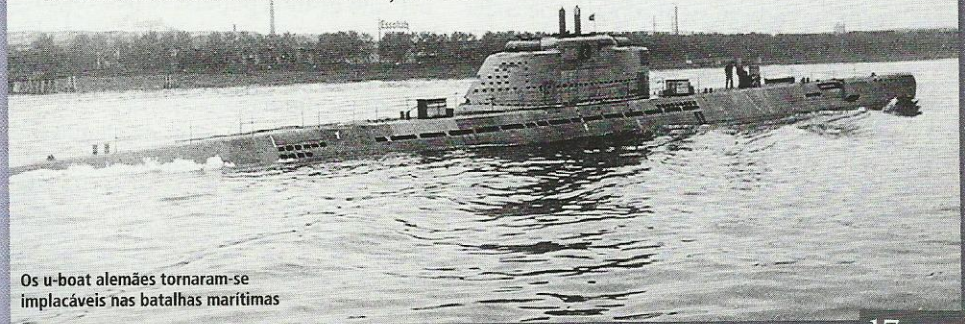
Foi nessa época que o Barão Vermelho conquistou fama (e, como você já deve saber, isso não tem nada a ver com música). O alemão Manfred von Richthofen foi o inspirador da banda brasileira, assim como ganhou admiração, inclusive dos opositores, por ter acertado 80 aviões. E ele sabia do seu poder: apegado a suas máquinas, mandou pintar uma aeronave Fokker DR 1 de vermelho, para que os aliados já se intimidassem ao enxergarem de longe. O sucesso do Barão teve fim em 1918, quando se meteu a perseguir um avião inglês e, sem respaldo dos demais, foi atingido em território inimigo. 

Tanque

Imponente, respeitado e usado como prêmio dos britânicos durante a Grande Guerra. Isso sem falar no poder de destruição do tanque de guerra, que era capaz de derrubar o cerco de arames farpados e irromper qualquer barreira – de modo que não havia metralhadora que conseguisse furar a blindagem. Os britânicos saíram na frente e foram os primeiros a usar a nova tecnologia nos campos de batalha. Como todo grande projeto, o tanque passou por esboços, quando os ingleses tiveram a ideia de utilizar chapas de metal em tratores. Ali, nascia o modelo que conhecemos hoje, mas (claro) de maneira muito mais simplista.

Submarino

Enquanto os ingleses levaram mérito pelos tanques de guerra, os alemães saíram na frente com os submarinos – mas não eram quaisquer submarinos. Para se ter noção, um u-boot, como era designada a máquina germânica, foi capaz de afundar um navio nos portos do Titanic, o RMS Lusitania – como você conferiu na página 8. Chamados também de pequeno barco, o modelo não tem nada de modesto: só de comprimento, mede, em média, 68 metros. Isso representa um tamanho seis vezes menor do que um couraçado, por exemplo – agora dá para ter noção da vantagem dos submarinos sobre outras embarcações. Confirmado: tamanho nunca foi documento.



Os u-boats alemães tornaram-se implacáveis nas batalhas marítimas

O dia em que a paz acabou

A ambição das grandes potências acabou com a tranquilidade europeia

Os trinta anos que precederam a Primeira Guerra Mundial são chamados de Paz Armada, pois apesar de não existir conflito nesse período, à medida que os países desenvolviam novas tecnologias, mais investiam na indústria bélica. Mesmo com os gastos milionários em armas e na militarização da nação, a população acreditava que essas ações seriam suficientes para intimidar os inimigos – com isso não haveria necessidade de conflitos armados. No final do século 19, a Revolução Industrial mudou os modos de produção, de modo que as mercadorias eram produzidas em grande escala. Assim, foi necessário conquistar novos mercados consumidores e matéria-prima para sustentar o desenvolvimento industrial. Os ideais imperialistas, a busca por colônias na África e na Ásia, o nacionalismo e a competição entre governantes de ego inflado foram cruciais para a concretização da Primeira Guerra Mundial.

Alianças militares

O governo do Imperador alemão Otto von Bismarck, entre 1871 e 1890, também contribuiu para o desencadeamento da Primeira Guerra. Com a unificação da Alemanha, concretizada em 1871, após a vitória na Guerra Franco-Prussiana, Bismarck sabia que só manteria estabilidade do Estado alemão caso conseguisse aliados para defender seus territórios. Assim, em 1873, foi formada a Liga dos Três Impérios, entre alemães, russos e austro-húngaros. No entanto, os russos desistiram do tratado em 1881, e somente oito anos depois os países remanescentes selaram a Aliança Dupla. No mesmo ano, a Itália entrou no grupo, formando assim a Tríplice Aliança. O que seus aliados

não sabiam é que os italianos já haviam assinado com os franceses um pacto de não agressão. Fato que impediu a ação dos italianos no início da Grande Guerra.

Já a Rússia estava ligada à Sérvia, por meio de um tratado de cooperação e defesa. Deste modo, quando o Império Austro-Húngaro declarou guerra aos sérvios devido ao assassinato do arquiduque Franz Ferdinand, os russos não puderam hesitar e manchar ainda mais a moral do país, que já estava comprometida depois de seguidas derrotas. Com isso, a Rússia declarou guerra à Áustria-Hungria, o que obrigou a França e a Inglaterra a enviarem seus homens ao front de batalha, pois também existiam acordos entre esses países, de modo que todos estavam interligados.

A união entre a Áustria e a Hungria tinha como objetivo fortificar os dois povos, mas estava ameaçada pelo nacionalismo de uma população heterogênea. O imperador Francisco José I temia que tal fragilidade atraísse a atenção dos russos para dominar suas terras, com isso, assinou um tratado com os alemães, e também enviaram seus homens para o conflito.

O Império Otomano (atualmente Turquia) entrou na



- Tríplice Aliança (1882)
- Países que se juntaram à Tríplice Aliança
- Tríplice Entente (1907)
- Países que se juntaram à Tríplice Entente
- País que abandonou a Tríplice Aliança e se juntou à Tríplice Entente



guerra quando o país passava por um período de crise política e econômica, após uma recente revolução obrigar Abdul Hamid II a abdicar o poder. Temendo por suas fronteiras, uniram-se aos alemães na Primeira Guerra. E a Bulgária buscava recuperar territórios conquistados pela Sérvia, após a derrota dos búlgaros na Segunda Guerra dos Balcãs. Os japoneses também se envolveram na guerra apoiando a Tríplice Entente com o objetivo de expandir seus territórios – o que resultou no domínio do Japão sobre algumas terras chinesas.

Os ingleses temiam a ascensão da Alemanha, pois não queriam compartilhar territórios, nem mercado consumidor. Unidos com os franceses e russos, por meio de tratados, entraram na Primeira Guerra quando os alemães invadiram a

Bélgica. A atitude da Inglaterra foi baseada em um acordo de 1839, no qual os ingleses comprometiam-se a defender o país flamengo.

Com as maiores potências mundiais envolvidas no conflito, muitas nações foram arrastadas para a grande guerra, pois participavam de algum tratado, ou para evitar a vitória de antigas rivais. A movimentação no tabuleiro foi baseada no jogo de interesses, de modo que os italianos mudaram de lado e os norte-americanos colocaram fim à neutralidade, e entraram na guerra para garantir a vitória da Tríplice Entente.

Por um lugar ao sol

A princípio, o território alemão era formado por 39 estados independentes. Entre eles, se destacavam como os mais

desenvolvidos o Reino da Prússia e o Império Austríaco. Porém em 1866, a Áustria declarou guerra à Prússia, após ser excluída da Zollverein, uma aliança que colocou fim às tarifas alfandegárias entre os territórios germânicos. A Prússia venceu o conflito e o território que a princípio era dos austríacos foi dividido, de modo que o norte foi dominado pelos prussianos e o sul continuou sob influência do Império Austríaco. Nesse período, o objetivo do imperador Otto Von Bismarck era unificar o seu território. Mas os franceses queriam impedir a qualquer custo o fortalecimento alemão, que resultaria em uma competição com as grandes potências da época. Com isso, a França apoiou os estados do sul, que eram dominados pelos austríacos, a não aderirem à unificação.



* Mapa retrata posição da Itália já como parte da Tríplice Entente

Com a impossibilidade de concretizar os seus ideais, a Prússia declarou guerra aos franceses. A França foi derrotada, em 1871, e perdeu o território da Alsácia-Lorena (rico em minérios), além de ter que pagar uma cara indenização. Fato este que fez os franceses enxergarem na Primeira Guerra uma oportunidade perfeita para se vingarem e humilharem os germânicos. A Alemanha unificou-se e mesmo tardiamente, iniciou uma corrida industrial e imperialista com as demais potências, pois também queria um lugar ao sol.

Unificação Italiana

Assim como na Alemanha, o sul da Itália também era dominado pelos austríacos que não queriam perder seus territórios. O Reino do Piemonte, localizado ao norte do país, era mais desenvolvido economicamente e liderou o processo de unificação do território, lutando contra a resistência do Reino Lombardo-Veneziano. Com a ajuda de soldados franceses em 1870, Roma e Veneza foram anexadas à Itália. Mas somente em 1929, a unificação foi concretizada, por meio do Tratado de Latrão, quando a Igreja Católica reconheceu Roma como capital da Itália, e o Estado do Vaticano foi declarado soberano.

Os italianos entraram para a Tríplice Aliança, apesar da rivalidade contra os austro-húngaros, e mesmo tendo um tratado de não-agressão com os franceses. Porém quando seus aliados foram lutar na Primeira Guerra, os italianos esquivaram-se do conflito alegando que o tratado assinado restringia-se a defesa do território das nações aliadas aos impérios centrais, caso fossem atacadas. E a Áustria-Hungria era quem atacava...

Após muita diplomacia, os italianos foram convencidos a lutar pela Tríplice Entente. E em abril de 1915, assinaram o Tratado de Londres e entraram oficialmente na Primeira Guerra Mundial.

Belle Époque

Entre 1871 e 1914, a Europa era cenário de constantes mudanças. A Revolução Industrial, a urbanização, o consumo, os avanços tecnológicos, como a invenção do automóvel e até mesmo do avião, mudaram completamente a vida da sociedade. A efervescência das grandes cidades, com os cabarés e cinemas, foi retratada pela chamada Art Nouveau, que destacou as formas, as curvas e as cores vivas que desfilavam pelas ruas e estampavam as faixadas dos prédios. Apesar de marcar um período de ouro no continente europeu, a bela época só passou a ser assim denominada depois da eclosão da Grande Guerra, quando analisada já em um tempo futuro. Ou seja, marca o saudosismo de um período de forte desenvolvimento, completamente antagônico ao que se presenciou a partir de 1914.

Europa em farrapos

As perdas dos soldados, com fome, frio e medo, eram ainda mais severas no lamaçal das trincheiras

“**E**stamos tão exaustos que dormimos, mesmo sob intenso barulho. A melhor coisa que poderia acontecer seria os ingleses avançarem e nos fazerem prisioneiros. Ninguém se importa conosco. Não seremos substituídos. Os aviões lançam projéteis entre nós. Ninguém mais consegue pensar. As rações estão esgotadas – pão, conservas, biscoitos, tudo terminou! Não há uma única gota de água. É o próprio inferno”. O desabafo atribuído a um soldado alemão extingue a necessidade de qualquer palavra a mais a respeito do momento que redefiniu o Mapa Mundi, mas, mais do que isso: fez milhões de vítimas, militares e civis, em nome de um “bem maior”. Enquanto isso, os jornais, censurados e manipulados pelos Estados, exibiam em suas páginas uma visão romântica de guerra, em trechos como “Vitória! O primeiro dia da tão esperada batalha do Somme terminou com um acachapante triunfo da Grã-Bretanha sobre as forças alemãs”. Mas as batalhas não eram partidas de futebol... Nas próximas páginas, você acompanha as principais delas, com fotos reais do conflito que, embora tenha imprimido uma profunda marca, serviu de mãe para a Segunda Guerra, que deixaria outros milhões em frangalhos.



- Tannenberg
- Marne
- Galípoli
- Verdun
- Brusilov
- Somme
- Passchendaele

- Caporetto
- Argonne
- Vardar

Vitória improvável

A vantagem do exército russo não foi suficiente para vencer os alemães

Em meados de 1914, a Europa concentrava todas as suas forças no planejamento e na distribuição estratégica de seus homens. Afinal, nem sempre o melhor e maior exército ganha uma batalha e muitas vezes o elemento surpresa pode ser decisivo.

Foi assim na batalha de Tannenberg, quando os russos invadiram a Prússia Oriental (província da Prússia, atual Olsztyn, na Polônia), com o objetivo de chegar à Alemanha. A Rússia planejou que o seu 1º exército, comandado pelo general Paul von Rennenkampff, atacaria frontalmente os inimigos alemães, e o seu 2º exército, comandado por Alexandre Samsonov, ficaria na retaguarda.

A vitória dos russos parecia estar garantida desde o início do conflito, no dia 26 de agosto, pois possuíam um exército com número de soldados superior ao alemão. Mas, surpreendentemente, a batalha tomou outros rumos.

Em uma ocasião, os generais russos trocaram mensagens não codificadas, que foram interceptadas pelas tropas inimigas. Além disso, a distância de 80 km entre o 1º e 2º exército russo impediu o apoio mútuo entre os soldados.

Assim, quando os russos invadiram a Prússia Oriental, a reação imediata do general prussiano Maximilian von Prittwitz foi recuar, enviando seus homens para o mais longe possível do conflito. Porém, esse fato não agradou o governo alemão,

que ordenou que Prittwitz e seu ajudante, Waldersee, voltassem para Berlim. Para substituí-los nessa difícil missão, a Alemanha convocou Paul von Hindenburg, que retornou de sua aposentadoria aos 66 anos, e Erich Ludendorff.

Os líderes alemães conscientes da desvantagem que possuíam em relação aos inimigos russos, aproveitaram das informações divulgadas pelos próprios generais russos, nas poucas vezes em que se falavam. A tática elaborada pelos alemães consistia em deixar poucos homens para combater o 1º exército russo que estava estagnado, e a maior parte dos soldados alemães foram deslocados por

trem, ao sul para enfrentar o 2º exército.

Os ataques alemães obrigaram os russos a recuar, prejudicados pela falta de comunicação entre seus generais – e ainda sofreram com as péssimas condições das estradas e ferrovias da região. Após cinco dias de conflito, o improvável aconteceu: os alemães venceram a batalha e fizeram mais de 90 mil russos de prisioneiros. Apesar de a Rússia ter sido aniquilada no campo de batalha, toda a sua luta não foi em vão, pois conseguiram desviar a atenção dos alemães que guerreavam contra a França, fato esse que favoreceu o contra-ataque francês na Batalha do Marne.

O sul de Olsztyn, na Prússia Oriental, foi o palco da vitória alemã



Foto: Thinkstock/Getty Images

TEXTO: Isadora de Oliveira/Colaboradora

Foto: Hulton Archive/Getty Images

FIM adiado

Próximos a Paris, os alemães cercados pelos Aliados foram obrigados a recuar, dando início à guerra das trincheiras

Após anos de planejamento, enfim os alemães tiveram a oportunidade de colocar em prática o Plano Schlieffen, elaborado em 1905. A estratégia previa que os russos demorariam seis semanas para chegar ao front de batalha, com isso os alemães deveriam aproveitar a vantagem e dominar Paris, antes mesmo de enfrentar a Rússia.

Para essa difícil missão, os soldados alemães foram divididos entre a ala esquerda e a direita. O plano determinava que a ala esquerda seria formada por apenas 10% dos combatentes, que ficariam responsáveis por penetrar Lorena, (território alemão, que foi tomado dos franceses, após a Guerra Franco-Prusiana). Os alemães, apesar de saberem, que haveria grandes baixas na invasão de uma região dominada por franceses, pagaram o preço para atrair o restante dos Aliados para Lorena e assim aliviar



Gases tóxicos também foram marca da guerra de trincheiras

as fronteiras francesas, deixando-as mais vulneráveis ao futuro ataque alemão.

Enquanto os Aliados defendiam-se, a ala direita passava por Luxemburgo e Holanda, só não contavam com a forte resistência da neutra Bélgica. Além das baixas nos dois exércitos, os belgas conseguiram atrasar os alemães, dando aos Aliados tempo de desconcentrar suas forças do front oriental para defender as fronteiras da França. Enfim em território francês, as primeiras manobras do exército alemão foram bem-sucedidas, deixando-os a apenas 40 quilômetros da capital francesa. Mas um único erro foi suficiente para minar as expectativas alemãs. O general Alexander von Kluck ordenou que parte de seus homens atravessassem o rio Marne, mas foi surpreendido com a presença dos franceses. E após oito dias de conflito, pressionados em todas as frentes de batalha, com bri-

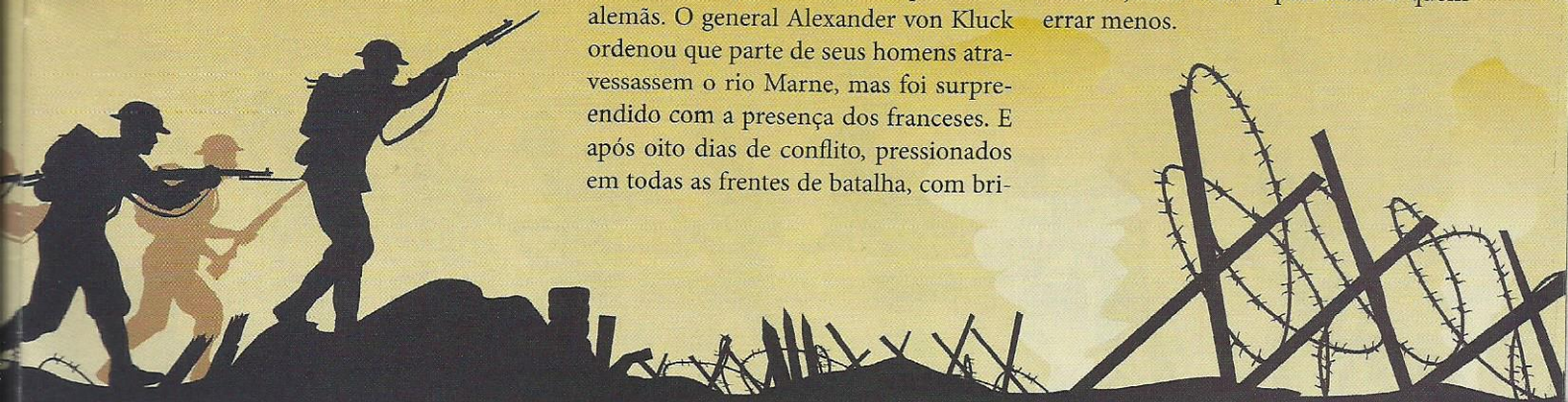
tânicos e franceses a oeste, italianos ao sul, e os soviéticos na fronteira leste, só restou aos alemães recuar.

Mas ainda em território francês, estabeleceram-se na região do rio Aisne, ao norte da França, onde construíram suas fronteiras, dando início a fase de estagnação do conflito mundial, denominada guerra das trincheiras. E logo os franceses também fixaram suas fronteiras que iam do Canal da Mancha até a divisão suíça.

Com isso, a vitória da Alemanha precisou ser adiada, mas o conflito que matou mais de 80 mil soldados Aliados e 250 mil alemães, ensinou uma importante lição: a vitória pertencer a quem errar menos.

Foto: Corbis/Latinstock

TEXTO: Isadora de Oliveira/Colaboradora



Mar em chamas

O desembarque foi traumático para as tropas Aliadas



Foto: Corbis/Latinstock

O que parecia para a Tríplice Entente uma ótima oportunidade para ganhar vantagem na Grande Guerra, e assim animar os soldados que estavam abatidos com a estagnação da guerra de trincheiras, acabou transformando-se no pior pesadelo dos Aliados.

A princípio, a ideia de invadir a península de Galípoli, através do estreito de Dardanelos, surgiu de Winston Churchill. O líder da marinha britânica almejava, após a conquista do estreito, dominar Constantinopla. E com a redenção dos turcos, obteria novos aliados, pois a Grécia, a Romênia e a Bulgária inevitavelmente teriam que apoiar a Tríplice Entente. Além disso, a rota do mar negro também estaria livre, facilitando o apoio mútuo entre os Aliados.

TEXTO: Isadora de Oliveira/ Colaboradora

Com as táticas definidas, o plano foi colocado em prática. Na madrugada do dia 22 de abril de 1915, a Tríplice Entente, apoiada pelos soldados de suas colônias, Austrália e Nova Zelândia, já rondava o litoral do Império Otomano. Mas a invasão precisou ser adiada de última hora, devido ao mau tempo da região. E somente dois dias depois ouviu-se os primeiros tiros.

Desembarque sangrento

Em águas turcas, as tropas aliadas tentavam fazer o menor barulho possível para surpreender os inimigos, e não dar oportunidade para se organizarem. Nem mesmo os remos almofadados que eram manuseados cuidadosamente foram capazes de impedir o despertar dos otomanos.

Derrotados e humilhados, só restou aos Aliados retirar, em segurança, os sobreviventes do conflito

Ainda no mar, os Aliados eram recebidos por tiros e muitos morreram antes mesmo do desembarque. Com as embarcações em chamas, as águas já tinham a cor da morte. Para o alívio dos sobreviventes do primeiro ataque, eles se aproximavam da costa, apesar de o desembarque parecer-se mais com uma missão suicida.

Quando os barcos atracaram, imediatamente os soldados se jogaram nas águas, que ainda eram capazes de cobrir parte deles. O peso da roupa foi fatal para muitos homens que tentavam arrastar-se para a terra firme. Com os companheiros mortos, muitos soldados, mesmo feridos, precisaram encontrar forças para procurar um abrigo, caso contrário, não sobreviveriam. Refugiados em trincheiras nas terras inimigas, só restava aos Aliados aguardar reforços.

Apesar de a derrota e das perdas inesperadas, a Tríplice Entente não tinha tempo para desanimar – foi preciso erguer a cabeça e elaborar uma nova estratégia. Essa por sua vez resumia-se ao ataque terrestre como única chance de conquistar o império turco.

Os esforços para conquistar o Império Otomano se estenderam até janeiro de 1916, e apesar de matar 90 mil turcos, o resultado de cada conflito malsucedido era devastador para as tropas aliadas. Com isso, só restou à Tríplice Entente retirar-se do território inimigo. Muito pior do que o impasse na frente ocidental foi a derrota e as perdas que sofreram e, no front oriental, calcula-se que cerca de 60 mil Aliados foram vítimas fatais do conflito.



Foi no cenário insalubre das trincheiras que Aliados e alemães lutaram exaustivamente durante dez meses

Foto: Popperfoto/Getty Images

Vantagem dos Aliados

A batalha mais longa da Primeira Guerra só acabou quando os alemães retrocederam

No dia 21 de fevereiro de 1916 iniciou-se a batalha mais longa da Primeira Guerra Mundial, que chegaria ao fim apenas dez meses depois. O palco da sangrenta luta entre franceses e alemães localizava-se no nordeste da França, próximo à cidade de Verdun e às margens do rio Meuse.

Os violentos ataques alemães encontraram a resistente defesa do general Philippe Pétain, que entrou no conflito no dia 25 de fevereiro. Os franceses defenderam-se com êxito, devido ao plano bem elaborado do general Pétain, que consistia em fazer a rotatividade das tropas, evitando o cansaço excessivo e o desânimo de seus combatentes.

Além disso, os franceses também construíram uma estrada, denominada Voie

Sacrée, isto é, Via Sagrada, que ligava o front de batalha ao vilarejo de Bar-le-Duc. Mais uma vantagem dos Aliados, que contaram com uma obra por onde passaram cerca de 12 mil veículos, 50 mil toneladas de alimentos e 2 milhões de soldados.

O conflito estendia-se sem previsão de término, e apesar de até então a estratégia do general Pétain ter garantido a resistência dos alemães, mais cedo ou mais tarde, as forças francesas se esgotariam. Por isso, no dia 1º de maio, uma nova tática de guerra foi elaborada para Verdun, de modo que Pétain foi substituído pelo general Nivelle, que priorizava o ataque em vez da defesa.

Em junho de 1916, surgiu um novo conflito na região do rio Somme, quando os Aliados atacaram os alemães com o objetivo de descentralizar as forças do inimigo de Verdun, pois acreditavam que assim conquistariam a vitória e colocariam um ponto final no exaustivo conflito.

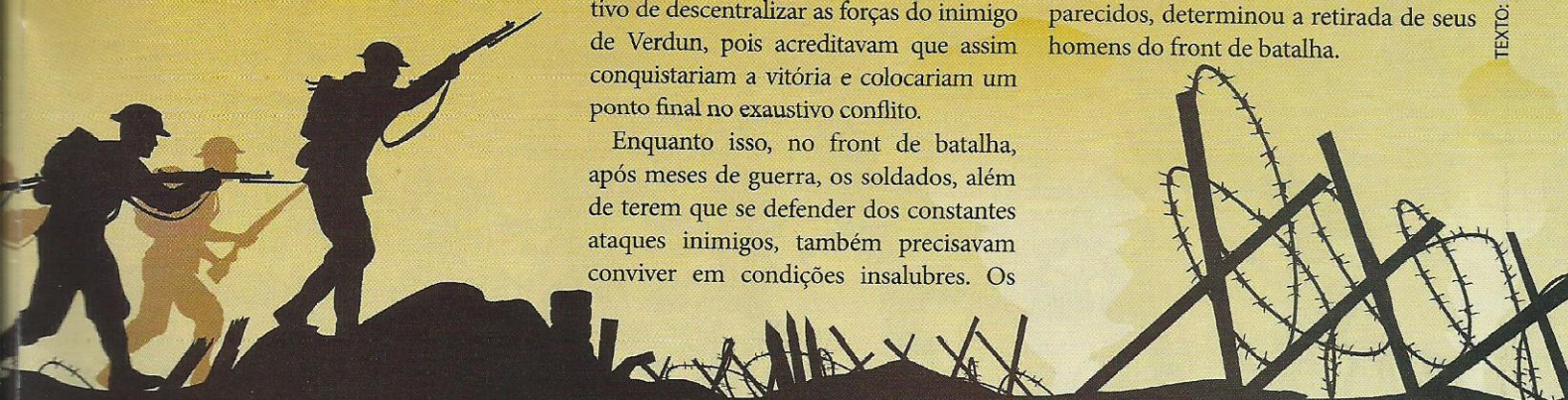
Enquanto isso, no front de batalha, após meses de guerra, os soldados, além de terem que se defender dos constantes ataques inimigos, também precisavam conviver em condições insalubres. Os

corpos dos companheiros mortos acumulavam-se nas fronteiras, atraindo ratos e piolhos, que atormentavam os soldados. Além de intensas coceiras, os insetos também transmitiam uma doença conhecida como "febre de trincheira", que representou 15% dos atendimentos realizados durante a campanha do exército britânico na guerra. Para não enlouquecerem, os soldados perdiam duas horas, todo o dia, para limpar suas roupas e queimar os parasitas com velas. Diante de tantas baixas, esse tempo perdido refletia negativamente no andamento conflito.

Após contínuos ataques reprimidos pelos franceses, o general Erich von Falkenhayn, diante de um exército muito defasado, sendo que mais de 400 mil soldados alemães estavam mortos ou desaparecidos, determinou a retirada de seus homens do front de batalha.

Foto: Thinkstock/Getty Images

TEXTO: Isadora de Oliveira/ Colaboradora



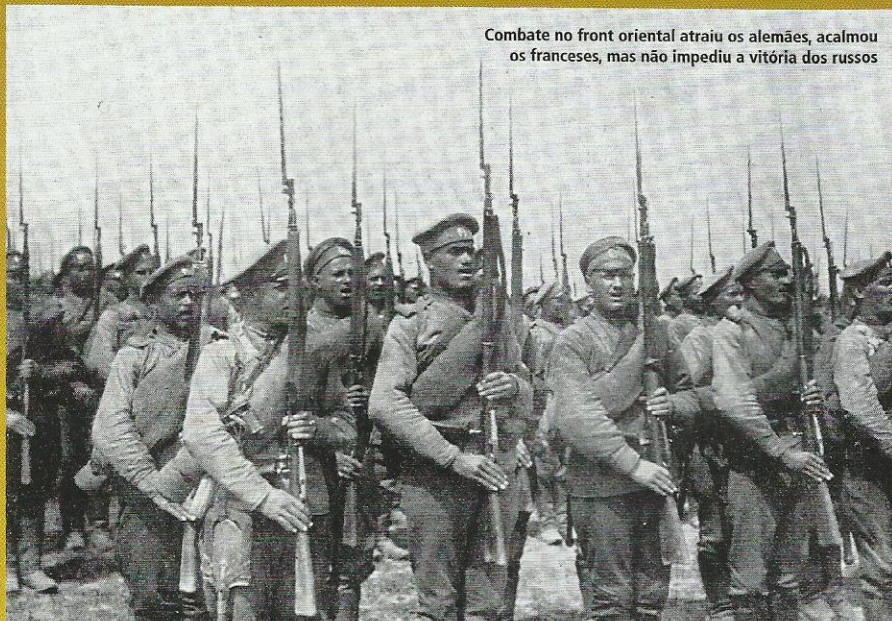
Ponto para os russos

Tática diferenciada garantiu a vitória dos Aliados

Em meados de 1916, a situação era crítica para os Aliados no front ocidental, mergulhados nas sangrentas batalhas de Verdun e Somme. O número de baixas era aterrorizante, e o conflito estendia-se sem previsão de fim.

Os ingleses e franceses estavam asfiados pelas forças alemãs e precisavam de uma pausa para se recuperarem, após meses de luta. A esperança dos Aliados era de que os russos no front oriental atraíssem os exércitos alemães. E foi isso o que aconteceu, após o Alto Comando Russo autorizar o general Aleksei Brusilov a colocar em prática o seu plano, que consistia em atacar os austro-húngaros na Galícia (atualmente território da Ucrânia). O objetivo era tomar as cidades de Kovel e Lemberg, que haviam sido dominadas pelo inimigo, no ano anterior.

E a partir do dia 4 de junho de 1916, sangue já era derramado durante o primeiro ataque bem-sucedido dos russos. As conquistas iniciais permitiram o avanço no território inimigo e quatro dias depois já haviam conquistado Lutsk. Entre os dias 6 e 8, os austríacos receberam o apoio dos alemães, mas os russos não deram brecha, fugiram do tradicional ataque com ondas de soldados e colocaram em prática, pela primeira vez, as “táticas de choque”. A estratégia consistia



Combate no front oriental atraiu os alemães, acalmou os franceses, mas não impediu a vitória dos russos

em utilizar pequenas unidades de soldados para atacar pontos fracos das linhas austro-húngaras e, assim, disponibilizar espaço para que o resto do seu exército pudesse avançar.

Durante o conflito, quando os russos não assassinavam os inimigos, era de praxe capturá-los como reféns. O exército austro-húngaro recuava a todo custo, mas os confrontos eram inevitáveis. Após quatro meses de luta, já haviam perdido 1,5 milhão de combatentes, não que para

os russos a vitória tenha saído barato: eles tiveram cerca de 500 mil baixas.

No final de agosto, a batalha que já caminhava para o seu encerramento, acabou estendendo-se, quando a Romênia entrou na Grande Guerra ao lado dos Aliados. O Império Central não hesitou e invadiu o país, pois além de derrotar o novo inimigo, também evitaria mais perdas na batalha de Brusilov – apesar de o fato não impedir a derrota, que a esta altura já estava definida.

Foto: Thinkstock/Getty Images

TEXTO: Isadora de Oliveira/Colaboradora

Foto: Divulgação

Moral abalada

O otimismo dos Aliados não foi suficiente para superar constantes erros e a linha defensiva alemã

e o plano traçado definia que o primeiro ataque seria realizado pela artilharia, cuja função era destruir trincheiras, matando a maior parte dos alemães. Só então a infantaria dominaria o território, seguido pela cavalaria, cuja missão era garantir a vitória dos Aliados, destruindo os alemães sobreviventes.

A teoria era perfeita, mas, na prática, o resultado foi desastroso. A falta de experiência dos combatentes Aliados, somada à ausência de entrosamento e com a vantagem dos alemães que se abrigavam em esconderijos subterrâneos (de até 12 metros de profundidade, interligados por trincheiras), foi responsável pelo dilaceramento de milhares de soldados do front.

Com o fim do conflito, além de se preocuparem com as grandes baixas de seus exércitos, os líderes precisavam incentivar os seus soldados, que diante da destruição massiva e de ganhos insignificantes (os aliados não avançaram mais de 12 quilômetros do território de domínio alemão), perderam todo o ânimo. Mas a guerra continuaria e cada lado precisava garantir a sua vitória, o mais rápido possível.

Falta de entrosamento
contribuiu para a
derrota dos Aliados

Foto: Heritage / Keystone Brasil

A batalha de Somme significou o fim das esperanças de toda uma geração de jovens combatentes, que até então estavam no conflito de cabeça erguida e crentes de que o fim da Grande Guerra se aproximava. Pelo contrário, Somme marcou apenas o início de uma nova fase marcada pelo desânimo nos fronts da guerra.

O palco do conflito sangrento foi o norte da França, ao redor do rio Somme, em uma região remota e cercada por propriedades agrícolas. A tranquilidade do local chegou ao fim no dia 1º de julho de 1916, quando ingleses e franceses atacaram os alemães que já estavam estabelecidos no território desde o início da guerra.

Com um olhar otimista, os Aliados traçaram a meta de dizimar os alemães e, assim, diminuir a pressão sofrida por seus soldados que ainda lutavam a bata-

lha de Verdun. Novamente, os comandantes da Tríplice Entente falharam ao elaborar uma estratégia que consistia em um ataque antes da grande batalha, com o objetivo de enfraquecer os inimigos. Mas como é de se imaginar, na verdade, a ação serviu para deixar os alemães em estado de alerta e deu tempo suficiente para que eles se preparassem para o ataque que estava por vir.

Os Aliados estavam confiantes de que conquistariam a vitória, pois, além do uso de canhões, tinham uma surpresa para os alemães: pela primeira vez, utilizariam tanques de guerra (nome adquirido devido à semelhança que possui com caminhões que transportam água). A máquina de destruição britânica possuía 28 toneladas, era blindada e equipada com metralhadoras para dar poder de ataque aos oito soldados que era capaz de transportar. A Tríplice Entente depositou suas esperanças na nova invenção, que possuía potencial de passar por trincheiras e arames em até seis quilômetros por hora. Uma proteção extra para garantir o avanço dos Aliados.

Os preparativos para o grande dia estenderam-se durante o ano de 1916,

TEXTO: Isadora de Oliveira / Colaboradora

O cenário de lama transformou-se em armadilha para os combatentes

MUITOS POR POUCO

As vidas perdidas em Passchendaele significam, até hoje, o direcionamento inútil de homens para insignificante conquista de território

A batalha, assim como muitos episódios desta e de outras guerras, foi parar nas telas de cinema. Quem se perguntar o motivo de Passchendaele ter sido tão importante a ponto de render um enredo, encontrará resposta fácil ao conversar com um britânico. Iniciada em julho de 1917, a estratégia tinha como objetivo tomar a antiga vila de Passchendaele, na Bélgica. Contudo, a própria campanha já não animava os soldados, que pareciam prever o desperdício inútil de energia para conquistar poucos pedaços de terra.

As chuvas castigavam a região e as consequências eram cruciais para a atuação dos soldados (não foi à toa que a lama formada nos campos de batalha tornou-se um dos marcos da Grande Guerra). A começar pela locomoção: com lodo até os joelhos, era quase impossível aos combatentes exercitarem os movimentos com agilidade. Fora isso, o campo tornava-se ainda mais perigoso com as crate-

ras abertas por bombas – muitos acabavam vítimas de afogamento depois de se acidentarem nos buracos. Estima-se que 97 mil soldados morreram em Passchendaele, também conhecida como Terceira Batalha do Ypres.

O exército da Grã-Bretanha, comandado por Hubert de La Poer Gough, começou a campanha de maneira positiva, tomando a cidade de Zonnebeke no dia 26 de setembro de 1917 e, oito dias depois, o município de Broodseinde. Contudo, a lama começa a interferir nas investidas em 8 de outubro, quando os ingleses passam a perceber que uma área muito pequena havia sido ganha. Mais duas tentativas de conquistar a vila são executadas, a primeira em 12 de outubro e a segunda em 26 do mesmo mês. Para desespero dos exércitos e de seu líder, não houve sucesso em nenhuma delas, gerando um imenso sentimento de frustração entre os combatentes. Por fim, avançando às margens do rio Haanbeek, as unidades

canadenses, finalmente, conseguiram tomar Passchendaele, derrotando o exército alemão.

Contudo, mesmo antes de ocorrer, a batalha já era discutida com controvérsia. Lloyd George, primeiro-ministro britânico, não concordava com a ofensiva, assim como o general francês Ferdinand Foch. O comandante britânico Douglas Haig precisou aguardar até o dia 25 de julho, quando teria a aprovação da campanha. De acordo com o historiador Felipe Camenforte, outros fatores foram (mal) pesados quando decidiram agir na região de Flandres. “Uma alternativa seria escolher uma área mais ao sul para a campanha, já que as condições atmosféricas e climáticas de Flandres não eram favoráveis. Além disso, uma vez que as baixas se tornavam crescentes e o lamaçal de setembro já dificultava muito, a escolha por ter dado continuidade à batalha em outubro não foi das mais acertadas”, acrescenta.

Após vitória, Tríplice Aliança avança em território italiano

Foto: TopFoto / Keystone Brasil

Cabeça à prêmio

A derrota da Itália, diante de um avanço louvável das Potências Centrais, custou o cargo de seu general

Como bem ressaltado, um dos aspectos negativos da Primeira Guerra é o fato de muito esforço ter sido direcionado para poucos territórios efetivamente conquistados. Por esse motivo, a vitória de Caporetto tem tanto destaque entre as demais. Para entender, é preciso retomar a Campanha Italiana, realizada entre 1915 e 1918.

A Itália não se uniu à Tríplice Entente sem interesses, pelo contrário. O objetivo era lutar contra os Impérios Centrais para conquistar Trentino (ou Trento), o porto de Trieste, Bolzano, Ístria e Dalmácia. Dentre a campanha, destacam-se as onze batalhas de Isonzo, em que os

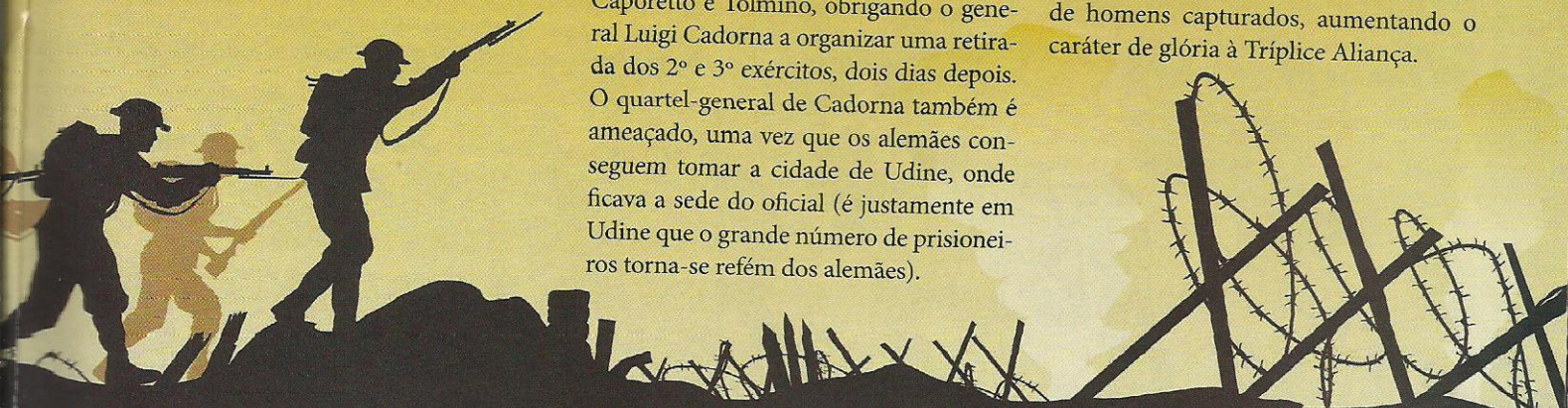
Italianos até que conseguiram certa vantagem, mas nada de muito significativo. Contudo, Isonzo denunciou o desgaste nos exércitos austro-húngaros, colocando os alemães em estado de alerta: havia chegado o momento de respaldar os aliados das Potências Centrais.

A área escolhida para a ofensiva foi o setor de Caporetto, parte da frente italiana visivelmente mais fraca. É neste momento que os alemães se destacam por conquistar um território de aproximadamente 10 mil quilômetros quadrados, além de conseguirem capturar 295 mil prisioneiros. Em 24 de outubro de 1917, os alemães rompem a frente italiana em Caporetto e Tolmino, obrigando o general Luigi Cadorna a organizar uma retirada dos 2º e 3º exércitos, dois dias depois. O quartel-general de Cadorna também é ameaçado, uma vez que os alemães conseguem tomar a cidade de Udine, onde ficava a sede do oficial (é justamente em Udine que o grande número de prisioneiros torna-se refém dos alemães).

Mais uma vez, Luigi Cadorna ordena uma retirada geral, dando outra chance para que o exército austro-húngaro avance em direção ao sul, aproveitando a brecha. Em 12 de novembro, firmava-se a vitória das Potências Centrais, quando o 4º exército italiano se agrupava às margens do rio Piave – isso depois de perceber o avanço inimigo em quase dois terços do campo em disputa. O fracasso da Itália custou caro à Cardona, que além de mobilizar negativamente a opinião pública, foi demitido do cargo e substituído pelo general Armando Diaz.

Os números dizem mais que as palavras. A Itália contava com 650 mil soldados, contra 400 mil da Alemanha e Áustria-Hungria. As baixas foram de 10 mil soldados feridos e 30 mil mortos para os Aliados, enquanto as Potências Centrais contabilizaram 20 mil homens, entre mortos e feridos. Mas o que contribuiu para a total desmoralização italiana em Caporetto foi, realmente, os números de homens capturados, aumentando o caráter de glória à Tríplice Aliança.

TEXTO: Tatiana Santos



A entrada do EUA no conflito fortaleceu os Aliados exaustos após quatro anos de lutas

Foto: Print Collector/Getty Images

O início do fim

O triunfo dos norte-americanos desestabilizou a Alemanha, que dias depois definiria o fim da Grande Guerra

Elas estavam neutras, sem interferir muito nos acontecimentos no continente europeu. Isto é, até que fosse imposto pela Alemanha que nenhum navio, fosse de passageiros ou de carga, se aproximasse da Inglaterra, sob o risco de ser recebido com fogo. Foi aí que os EUA resolveram que era hora de tomar partido e não decepcionaram nos campos de batalha franceses.

O marechal Foch estabeleceu que os

exércitos franceses e americanos deveriam agir em conjunto, avançando pela Floresta de Argonne até Mézières. Sem tempo a perder, no dia 26 de setembro de 1918, o general John Pershing ordenou a ofensiva norte-americana, contando com a disposição de 500 mil soldados. Passado um dia, conseguiram avançar e tomar a cidade Montfaucon, à direita e ainda relativamente próxima à Floresta.

O crédito é, também, de outras nações

aliadas. Enquanto os americanos marchavam para Sedan, ao sul, britânicos e belgas se organizavam em Gante, na Bélgica, em 27 de setembro. Os homens da Grã-Bretanha se uniram aos franceses para atuarem no norte da França no dia 28, formando uma articulação poderosa e garantindo vigor aos ataques, o que implantou o sentimento de derrota nos alemães.

Pode ser que, em algum momento, Pershing acreditasse que a batalha seria mais fácil do que parecia. Contudo, a Alemanha, liderada pelo general George von der Marwitz e composta por 470 mil soldados, preparou um bloqueio nada modesto na tentativa de conter os avanços dos Aliados. A barragem formada entre 28 de setembro e 3 de outubro foi capaz de segurar, mas não impedir os norte-americanos, que articularam, junto aos franceses, uma tática para conquistar Argonne de vez. Para isso, os homens da França se posicionaram à direita da Floresta, enquanto o 4º exército americano fazia sua parte à esquerda de Argonne.

A próxima missão foi tomar a cidade de Briulles, tarefa também cumprida pelos Aliados, em 2 de novembro. Passados oito dias, seria a vez de Damvillers tornar-se alvo de disputas, quando americanos e alemães se enfrentaram em um embate sofrido, que engrossou a soma de mortos de ambos os lados: 26 mil para os Estados Unidos e 28 mil para a Alemanha.

Enquanto se arriscavam, talvez os soldados norte-americanos não imaginassem que estariam colaborando para o enfraquecimento do exército alemão. Isso porque, paralelamente à Argonne, os Aliados atuavam em outras frentes, deixando a Tríplice Aliança sem saída. Alguns dias depois da derrota em Argonne, exatamente em 11 de novembro, a Alemanha assinaria o armistício que encerrou a Primeira Guerra Mundial.

TEXTO: Tatiana Santos

Entregando OS PONTOS

Nos últimos meses de batalha, a Bulgária se deixa abater, reforçando a iminente vitória da Tríplice Entente

Havia chegado o momento em que os Aliados posicionados na Grécia teriam que partir para o ataque. Isso porque, desde 1915, a Tríplice Entente havia destinado soldados para atuar em Salonica (principal cidade da Macedônia e hoje a segunda maior cidade da Grécia). Mas sua atuação foi significativa apenas em agosto de 1918, durante uma ofensiva que, como se pode perceber, levou anos para ser planejada. O francês Franchet d'Esperey ficou incumbido de chefiar a missão no rio Vardar, cuja foz é o Mar Egeu, exatamente na cidade Gradsko. Homens a postos, no dia 15 de setembro de 1918, as tropas francesas, sérvias e italianas se juntaram para iniciar sua principal ofensiva, entre a Grécia e a Sérvia. Mal começaram a agir e já deram de frente com as forças búlgaras que, esgotadas pelos confrontos, passaram a se entregar. Deste modo, restavam poucas alternativas aos búlgaros, e a escolhida foi partir em retirada – o governo da Bulgária viria a assinar o armistício em 29 de setembro, encerrando a participação no conflito.

Com a Bulgária “do lado de fora”, os Aliados viram-se com a vantagem de rumar para o Rio Danúbio, ficando frente a frente com o território austro-húngaro, representando uma ameaça direta. Contudo, não foi tão fácil como parece.

As horas que se passaram entre os dias 18 e 19 de setembro foram marcadas pela frustração dos soldados britânicos e gregos depois de um ataque malsucedido a leste do lago Dorian. Somente em 22 de setembro a Bulgária seria, de fato, ameaçada, depois que a cidade de Negotina foi tomada pelos sérvios que, por meio dela, chegaram a Gradsko e foram capazes de dividir os exércitos búlgaros.

A batalha de Vardar é conhecida por mesclar a novidade das forças aéreas à cavalaria, que teria papel fundamental nos últimos dias de luta. Foram os homens da França, montados em seus cavalos, os responsáveis por conquistar a cidade de Prilep, em 24 de setembro, e Skopje, cinco dias depois, culminando para a definitiva saída da Bulgária.

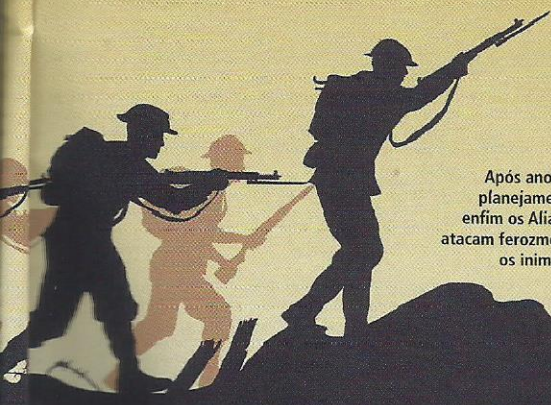
Com o final da guerra, os sérvios da Macedônia (cujo território era, até então, dividido entre Sérvia, Bulgária e Grécia) passaram a fazer parte do recém-formado Estado Federal da Iugoslávia. Contudo, o período entreguerras – compreendido entre o fim da Primeira e o início da Segunda, em 1939 – culminou na forte instabilidade do território. Isso porque o novo Estado foi proclamado em meio à correria, sem que houvesse um acordo sólido sobre como o país funcionaria. O final da história é famoso: conflitos étnicos e separatistas desmembram a Iugoslávia, e a fazem desaparecer do mapa, dando lugar à Sérvia e ao país independente Montenegro. **H**



O exército sérvio foi crucial para a vitória em Vardar



Após anos de planejamento, enfim os Aliados atacam ferozmente os inimigos



TEXTO: Tatiana Santos

Foto: Thinkstock/Getty Images

Fotos: Divulgação

Cessaram-se as armas

Passada a tempestade, o sol abriu-se timidamente na Europa

Enfim, o silêncio pairava sobre os países europeus. Mas o clima de tensão tomava conta dos alemães, que derrotados, aguardavam as árduas punições que seriam impostas pelos Aliados.

Bem que o presidente norte-americano Woodrow Wilson tentou restabelecer a paz e, acima de tudo, garantir a sua permanência, quando elaborou o armistício dos 14 pontos. O documento lido no Congresso dos EUA, no dia 8 de janeiro de 1918, propunha o fim da guerra e a criação de uma Liga das Nações. Tam-

bém resolvia impasses coloniais, devolvendo a Alsácia-Lorena à França, garantia a independência da Turquia e da Polónia e por fim, determinava a redução do poder armamentista alemão. Contudo, foi o parlamento americano quem deu a última palavra. O temor de possíveis tensões entre os imigrantes europeus residentes nos EUA resultou na não aprovação das intervenções propostas por Wilson.

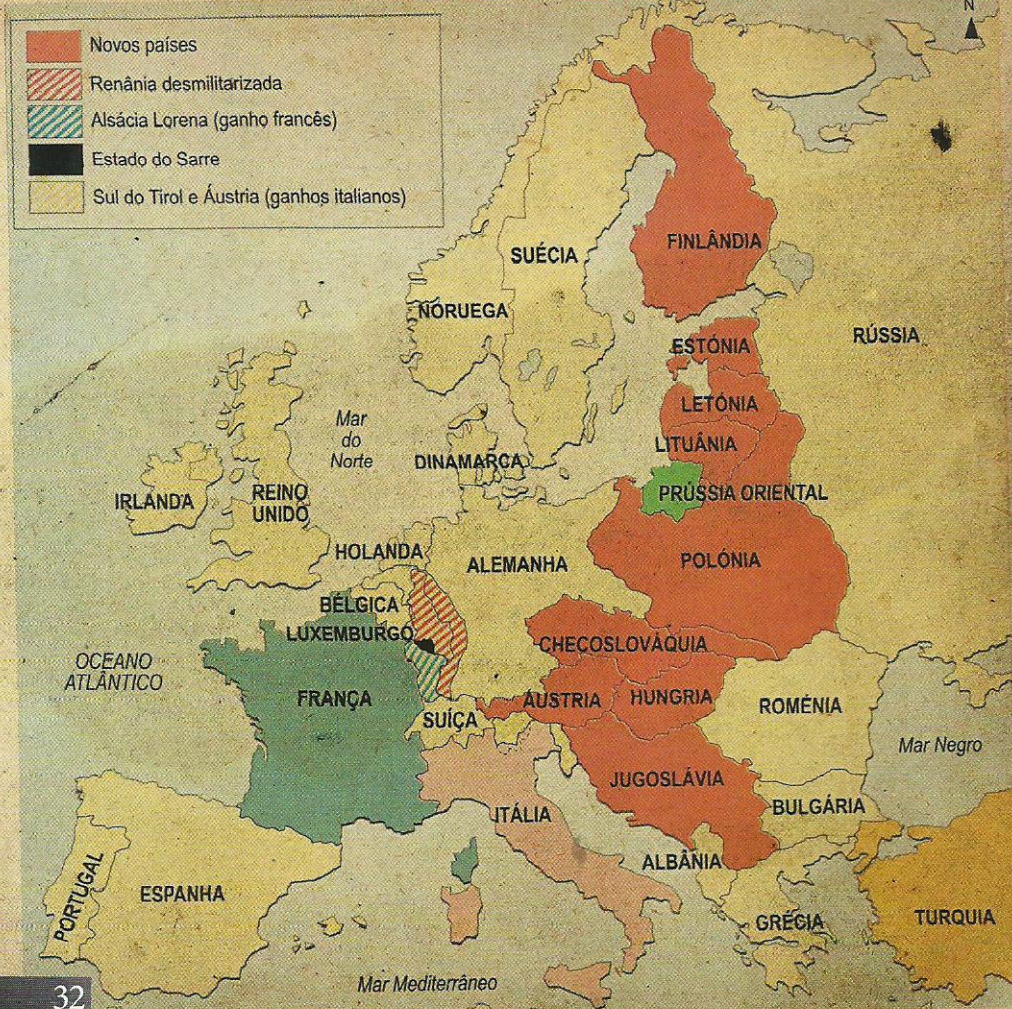
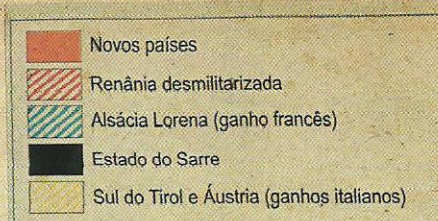
Em março de 1918, após uma revolução comunista interna, os russos assinaram com a Tríplice Aliança o Tratado de Brest-

Litovsky, que oficializava a paz entre Alemanha, Rússia e Império Austro-Húngaro.

Semeando a Segunda Guerra

No início de 1919, a Conferência de Paz de Paris reuniu as principais potências mundiais com o objetivo de decidir quais punições seriam impostas à Alemanha. Mas foi no dia 28 de junho de 1919 que Aliados e derrotados encontraram-se na sala dos espelhos, para assinar o Tratado de Versalhes.

O documento concretizava a humilhação da Alemanha, quando determinava que os alemães assumissem a responsabilidade e a culpa pela Grande Guerra. Foi decidido que os líderes alemães da guerra seriam julgados pelos crimes cometidos, e não existiria mais a Tríplice Aliança. Entre os 440 artigos, ficou definido que a Alsácia-Lorena seria devolvida aos franceses, assim como Eupen-Malmedy deveria ser entregue à



Estado do Sarre

O Tratado de Versalhes determinou que o Sarre, região alemã altamente industrializada, fosse governado pela Liga das Nações, de modo que suas minas de carvão passassem a ser exploradas pelos franceses. A punição aos alemães duraria 15 anos.

Prússia Oriental

Após a Grande Guerra, territórios da Prússia Oriental foram cedidos para a formação da Polónia.

Bélgica, Memel à Lituânia e o distrito de Hultschin devolvido à Checoslováquia. Além disso, Dantzig, importante porto do Báltico, foi entregue à Polônia, garantindo ao país acesso ao mar. Os alemães também foram obrigados a renunciar todas as suas colônias e seu exército foi limitado em 100 mil homens, que deveriam apenas fazer a segurança interna, de modo que eram proibidos de possuir tanques e submarinos.

O primeiro-ministro francês Georges Clemenceau almejava que a província do Reno, região industrial, fosse retirada dos alemães para evitar que o país voltasse a se fortalecer. Porém, o presidente norte-americano e o primeiro-ministro britânico David Lloyd George vetaram a proposta e determinaram que o exército Aliado ocupasse a região durante 15 anos.

Também foi definido que os alemães deveriam indenizar 269 bilhões de marcos aos Aliados, nos próximos 30 anos.

Apesar de ter sido elaborado e aprovado pelos Aliados, o Tratado de Versalhes não agradou a todos. Os alemães estavam supridos de ódio e rancor, enquanto Woodrow Wilson e o primeiro-ministro francês Clemenceau sabiam que a rigidez das punições, na verdade, poderiam incitar ainda mais violência. O mesmo pensava o supremo comandante do exército Aliado, marechal Ferdinand Foch que declarou: "Isto não é a paz. É apenas um armistício válido pelos próximos vinte anos" e ele tinha toda a razão, a Segunda Guerra estava por vir.

Déficit financeiro na Europa, superavit nos EUA

As finanças mundiais estavam devastadas após a Grande Guerra. Com o conflito, o parque industrial europeu foi quase reduzido pela metade e muitos dos homens que haviam saído dos campos de plantações simplesmente não voltaram, de modo que as produções agrícolas caíram em 30% naquele período. O desemprego, a fome e a miséria marcaram presença nas casas europeias, e foi nesse cenário que ascenderam o fascismo e o nazismo. Os ideais nacionalistas e extremistas dos alemães foram capazes de causar o genocídio de milhares de opositores, ciganos,

homossexuais e principalmente judeus, durante a Segunda Guerra Mundial.

Apesar de todos os gastos que os norte-americanos tiveram com a guerra, inclusive com empréstimos aos Aliados (sendo que, até 1920, destinaram 4,3 bilhões de dólares à Inglaterra, 3 bilhões à França e 1,6 bilhão à Itália), sua economia manteve-se forte, devido ao retorno desse dinheiro ao país por meio das exportações. Porém, a ascensão econômica dos EUA levou a uma supervalorização, que não atendia às reais condições do mercado — assim o país mergulhou em uma crise deflacionária entre 1920 e 1922, que intensificou-se ao ponto de gerar a Grande Depressão de 1929. **H**

Liga das Nações

A organização foi criada no mesmo dia em que os alemães assinaram o Tratado de Versalhes, inaugurando assim uma nova diplomacia mundial. Mas não contou com a participação dos EUA, que não deixaram de lado seus próprios interesses para assinar um acordo que tinha o objetivo de impedir novas guerras. Os 44 países que ingressaram na entidade concordaram que deveriam apresentar à Liga qualquer reivindicação territorial ou desentendimento internacional para análise e arbitragem. Além disso, deveriam aguardar, no mínimo, três meses antes de qualquer ação militar. A Liga das Nações fracassou, pois não foi capaz de impedir diversos conflitos, principalmente a Segunda Guerra. Com isso, foi dissolvida e suas obrigações foram transferidas para a Organização das Nações Unidas, a ONU.

Fotos: Thinkstock/Getty Images



Terreno fértil

Os alemães, que não eram acostumados com o fracasso, logo estavam prontos para a revanche

No cenário pós-guerra, o presidente Paul von Hindenburg validou o poder de Hitler



No cenário de desemprego e miséria da Alemanha, após o Tratado de Tordesilhas que cuidou de ampliar a crise econômica do país, nasceu a República de Weimar. No período entre 1919 e 1933, os alemães deixaram de lado o império, dando lugar à República.

Quando a Alemanha ensaiava reerguer-se, o mundo foi surpreendido com a queda da Bolsa de Nova Iorque em 1929, que inevitavelmente afetou a economia global. O povo alemão, acostumado com as glórias proporcionadas pelo governo de seus imperadores, não encontrou na República mudanças suficientes para reconstruir a Alemanha e fazer dela uma potência vitoriosa. Quando o Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, popularizado como partido nazista, surgiu na política do país em 1919, dizendo aos alemães que eles eram arianos, o nacionalismo do povo foi reacendido e fortalecido.

Com o dom da oratória, Hitler usou todo o seu poder com as palavras para conquistar a liderança do partido e posteriormente milhões de seguidores.

Putsch de Munique

O estado da Baviera concentrava muitos simpatizantes dos ideais nazistas, que consideravam que o governo vigente havia traído o povo alemão, quando assinou o Tratado de Tordesilhas. O objetivo do Partido Nacional Socialista era tomar o

poder do governo bávaro e depois conquistar toda a Alemanha. Hitler e seus militantes contavam com o apoio de Gustav von Kahr, governador do estado, do general Otto von Lossow e do policial Hans Ritter von Seisser, para concretizar o golpe. Adolf Hitler só não esperava que eles iriam mudar de ideia, um dia antes.

No dia 9 de novembro de 1923, os nazistas foram surpreendidos por quem pensavam que eram seus companheiros de luta, de modo que a tentativa do golpe fracassou. Na manhã seguinte os militantes nazistas seguiram para o Ministério de Guerra Bávaro, mas foram novamente reprimidos pelo exército, ainda respaldado por Kahr, Lossow e Seisser.

Após o episódio, Hitler foi preso acusado de traição e condenado a cinco anos de prisão. Durante os nove meses de cárcere em Landsberg, o líder nazista escreveu o livro *Mein Kampf*, traduzido como *Minha Luta*. Na obra, Hitler propagou ao povo alemão seus ideais de governo, baseados na reconquista do poder bélico, no combate ao comunismo, e na supremacia racial alemã. Com a pressão política de seu partido, Adolf Hitler conquistou a liberdade, e não demorou muito para ganhar a confiança dos alemães.

Todo o poder ao fñhrer

O nacional-socialismo apresentou-se como a melhor alternativa para a burguesia combater os ideais marxistas que rondavam a Alemanha e assim evitar a ascensão do comunismo ao poder, como havia acontecido com a Rússia. E também atraiu o proletariado e os desempregados, com a promessa de recuperação econômica do país que mais tarde foi impulsionado pelos empregos disponibilizados pelo investimento na indústria bélica, durante o governo de Hitler.

Em seus discursos, Hitler sempre enfatizava ao povo alemão que ele era como cada um deles, que também esteve nas trincheiras, por isso compartilhavam as mesmas dores e anseios, e acima de tudo, lutavam pelos mesmos objetivos.

Pressionado pela burguesia alemã

que temia que o poder fosse tomado por comunistas, o presidente Paul von Hindenburg nomeou Hitler chanceler, no dia 30 de janeiro de 1933. Um ano depois, com a morte de Hindenburg, Hitler tornou-se presidente da Alemanha.

Propaganda do mal

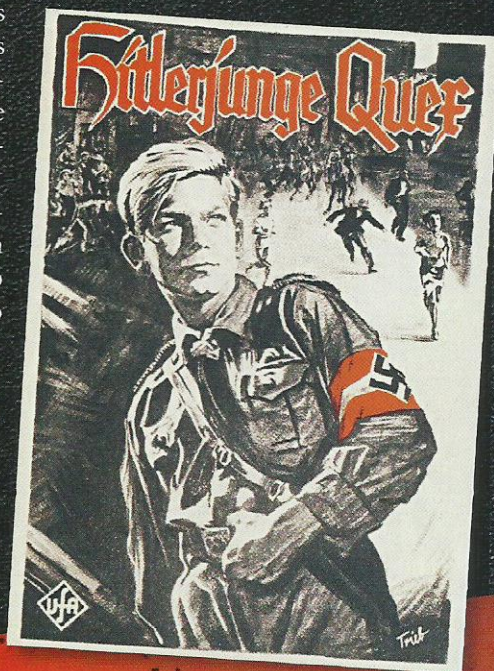
Os comícios comandados por Hitler foram o método mais eficiente para atrair as massas e convencê-las de que os ideais nazistas reergueriam a Europa. Os alemães cegaram-se diante das promessas de uma vida melhor.

Além de bandeiras, cartazes e símbolos, como a suástica, o ministro da propaganda, Joseph Goebbels, também investiu em filmes para propagar os pensamentos extremistas de Hitler. Assim como peças teatrais e eventos de música germânica foram incentivados para tirar de cena a arte judaica e promover maior contato dos alemães com a própria cultura.

Os comunistas, que também eram considerados inimigos do governo, foram retratados nas telas do cinema, como no filme *Hitlerjugend Quex*, traduzido como *O jovem Hitlerista Quex*. Os nazistas queriam propagar a imagem de que os comunistas são pessoas de mau caráter, violentos e preguiçosos. Enquanto os nazistas não eram perigosos, pelo contrário dignos de confiança. Hitler e seus companheiros mentiam em suas propagandas para conquistar a nação, e já mostravam que estavam dispostos a fazer tudo o que

fosse necessário para alcançar os seus objetivos.

Nas eleições presidenciais de 1932, quando Hitler foi derrotado por Hindenburg, foi a primeira vez que o Partido Nazista utilizou filmes para fazer propaganda política. Quando Hitler alcança o poder em 1933, essa prática foi intensificada devido aos recursos financeiros disponibilizados pelo estado. Os jornais também eram utilizados para propagar o preconceito contra judeus, homossexuais e ciganos. Ou seja, com um objetivo claro e comportamento obstinado, os nazistas utilizaram diferentes meios de comunicação para alcançar diferentes públicos.



Hitler antes de HITLER

O assassino carismático que conquistou a Alemanha

Se tivesse recebido o apoio familiar (e um “sim” de uma conceituada escola de arte), talvez teríamos conhecido a fama do fúhrer de um outro jeito, quem sabe nas aulas de arte. Isso porque, na escola, seu desempenho era fraco. Na verdade, o jovem futuro ditador gostava de se dedicar à pintura. Contudo, quando contou ao pai que pretendia seguir carreira artística foi duramente reprimido. “Artista, não, jamais enquanto eu viver!”, escreveu Hitler em seu livro, *Mein Kampf*, a respeito da reação negativa do pai, que sonhava com uma carreira pública para o filho.

O filho de Alois Hitler, um funcionário da alfândega, e de Klara Hitler, nasceu em Braunau am Inn, na Áustria, no dia 20 de abril de 1889. Dos cinco irmãos que teve, apenas Paula e Angela alcançaram a vida adulta.

Hitler cresceu com a família em Linz, e teve uma infância comum, apesar dos constantes desentendimentos com o pai.

Ainda jovem ficou órfão, em 1903 o pai faleceu, e cinco anos depois ele também

perdeu a mãe. Aos dezoito anos, já não tinha mais quem pudesse orientar seus passos. Em busca de realizar seus sonhos, foi tentar uma carreira artística, mas a decepção foi grande quando foi rejeitado duas vezes pela Academia Belas-Artes de Viena.

Quando recebeu a herança do pai em 1913, Hitler não hesitou em se mudar para Munique, e segundo indica a pesquisa de historiadores, nessa época ele já nutria o ódio pela diversidade étnica. Por isso, o líder nazista não queria servir o exército da Áustria, um país rico em diversidade racial e cultural.

Já em Munique e sem muita perspectiva, alistou-se ao exército alemão voluntariamente. Durante a Grande Guerra, desempenhou função de mensageiro e, com isso, ficava fora das trincheiras, exposto ao fogo inimigo.

Os fatos históricos indicam que durante o conflito, Hitler, pela primeira vez na vida, teria se sentido útil. E apesar de receber honras devido a sua colaboração e coragem, todo o esforço parecia ter sido em vão, quando os alemães foram derrotados e humilhados pelos franceses. Assim como a maioria dos alemães, Adolf Hitler nutria grande rancor pela França. A participação na Primeira Guerra Mundial fez nascer em Hitler um profundo sentimento nacionalista pela Alemanha.

Com o final da Grande Guerra, Hitler desligou-se do exército e precisou seguir o seu cami-

nho. Novamente desempregado, aceitou a proposta para vigiar as ruas de Munique à procura de ameaças comunistas. Nesse período, Hitler entrou para a política, quando se associou ao Partido dos Trabalhadores Alemães, que mais tarde transformou-se em Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães. Com o seu poder de oratória, logo tornou-se líder do partido, e com toda a publicidade realizada, conquistou a confiança do povo alemão.

A respeito do motivo do ódio que Hitler alimentava principalmente pelos judeus, há diversas teorias. O fato de ter crescido em uma região católica, onde o preconceito contra os judeus estava enraizado, com certeza influenciou o genocídio de milhares deles, anos depois. A população local acreditava que os judeus enriqueciam às custas dos preços abusivos que cobravam dos miseráveis, fato esse agravado após a derrota na Primeira Guerra – que afundou ainda mais a economia alemã. Entretanto, a psicologia poderia ter dado jeito: frustração após frustração, não é improvável que a sequência de decepções tenha influenciado o temperamento rancoroso do nazista. **H**

Sem o bigode característico, é quase impossível identificar o fúhrer (Hitler é o primeiro, da esquerda para a direita)



O segundo da direita para a esquerda, conta-se que Hitler era pouco respeitado enquanto soldado da Primeira Guerra



BARRIL de PÓLVORA

Foi necessária uma revolução e a instauração do comunismo para que, enfim, os russos saíssem da Primeira Guerra



Lenin, o líder dos bolcheviques, instaurou o comunismo e tirou a Rússia da Primeira Guerra Mundial

A participação da Rússia na Primeira Guerra Mundial agravou mais ainda o cenário político e econômico do país. O czar Nicolau II não estava preocupado com as reais necessidades da população: o seu maior interesse era conquistar novos territórios e recuperar a reputação do país, que estava manchada com a derrota na Guerra da Crimeia, contra franceses, ingleses e turcos, e no conflito contra o Japão. Assim, ele enxergou a participação da Rússia na Grande Guerra como uma ótima oportunidade para concretizar suas ambições.

O país iniciava a sua industrialização, mas estava muito atrasado em relação às grandes potências mundiais e, apesar desses avanços, a população continuava descontente com o governo absolutista do imperador, pois os russos almejam a democracia. Além disso, era o primeiro ano de confronto e apenas em duas batalhas a Rússia já havia perdido 250 mil soldados. No final de 1916, os números eram ainda mais alarmantes, incluindo 1,6 milhão de mortos e mais de cinco milhões de russos feridos. A população pressionava o governo exigindo a saída do país da Primeira Guerra - em vão, já que o czar não escutava ninguém.

Em fevereiro de 1917, aconteceu a Re-

volução de Fevereiro, mais conhecida como Revolução Branca. Na ocasião, o imperador Nicolau II foi deposto do poder e obrigado a exilar-se na Sibéria. Um ano depois, o czar e sua família foram fuzilados pelo governo vigente. Esse conflito é considerado pacífico quando comparado à Revolução de Outubro, a Revolução Vermelha, período em que foi instaurado o socialismo, seguido pela Guerra Civil (quando o sangue de milhares de russos foi derramado).

Durante todo esse período de instabilidade política, Lenin estava exilado em Zurique, na Suíça. Mas com o apoio dos alemães que buscavam incendiar o barril de pólvoras, no qual a Rússia estava inserida, ele retornou ao seu país com o objetivo de liderar seu povo a uma revolução comunista.

Com a queda da monarquia, foi instaurada uma república democrática. Iniciava-se então o Governo Provisório, de Alexander Kerensky, que sob a pressão da Tríplice Entente ordenou a permanência de seus homens nas trincheiras. O povo continuava descontente com o cenário do país, composto por fome, miséria, guerra, e uma jornada de trabalho massacrante. Descrentes de que suas necessidades seriam atendidas, no dia 25

de outubro de 1917, liderados por Lenin, os bolcheviques tomaram o poder dos mencheviques, então minoria política no país. Em dezembro do mesmo ano, a Rússia assinou o armistício de Brest-Litovsk, saindo oficialmente da Primeira Guerra Mundial. Com isso, os alemães focaram todas as suas forças no front ocidental.

Entre 1918 e 1921, a Rússia estava imersa no conflito mais sangrento de sua história, a Guerra Civil. Somando suas vítimas com as da Primeira Guerra, calcula-se que o país perdeu mais de dez milhões de homens. Em 1922, ainda no governo de Lenin foi fundada a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, a URSS. 



Entrada triunfal

Os EUA provaram que dão um boi para não entrar na briga, e uma boiada para não sair

O ano era 1917, quando os EUA começaram a mudar a história da Primeira Guerra Mundial. O conflito já se estendia por três anos, quando a Rússia saiu para enfrentar uma revolução comunista interna. Já a Tríplice Aliança fortificava-se à medida que os alemães adotavam como tática de guerra o ataque com seus submarinos U-boat - ação que, mesmo em uma guerra, era antiética, pois eles agiam de surpresa e não permitiam que a tripulação fosse para botes salva-vidas antes dos ataques fatais dos canhões. O principal objetivo dos germânicos era impedir que mantimentos chegassem à Grã-Bretanha, e a meta era destruir 600 mil toneladas mensais de alimentos. Assim, calculava-se que em cinco meses as reservas britânicas acabariam e, inevitavelmente, os britânicos se renderiam. Despreocupados com a presença dos EUA no conflito, os alemães também atacavam os navios norte-americanos, e em certa ocasião o almirante germânico Eduard von Capelle mostrou sua opinião em relação aos ianques quando declarou: "Os americanos nem mesmo chegarão, porque nossos submarinos irão afundá-los. Do ponto de vista militar, os americanos não significam nada, nada, e mais uma vez, nada." Mal sabiam eles que seriam rapidamente derrotados pela força militar do Tio Sam.

No período em que os EUA mantiveram-se neutros no conflito, a economia foi aquecida com o desenvolvimento industrial do país, pois com a guerra ocor-

rendo em terras europeias e os homens nos campos de batalha, suas indústrias estavam paradas. Com isso, os americanos exportavam para a Tríplice Entente alimentos, roupas e até mesmo armamento de guerra. Além disso, comercializavam com diversos países, que antes da guerra compravam produtos europeus. O resultado pós-guerra foi o nascimento de uma potência mundial, que se consolidou com a Segunda Guerra.

Enquanto isso o cenário político do país repensava sua posição diante à guerra, pois receberam dos ingleses um telegrama interceptado e decodificado, enviado pelo ministro alemão Arthur Zimmermann para o embaixador da Alemanha no México, Heinrich von Eckardt. Os germânicos propunham um acordo com os mexicanos e, em troca de apoio no conflito, garantiria ao México territórios americanos, como o Texas, o Arizona e o Novo México. Além disso, os ianques também temiam a derrota da Tríplice Entente, e com isso a perda de todo o dinheiro emprestado. No dia 2 de abril, o presidente Woodrow Wilson, disse ao Senado e ao povo americano: "A neutralidade não é mais aceitável ou desejável quando a paz do mundo está envolvida e a liberdade de seus habitantes está em xeque. O mundo deve estar pronto para resguardar a democracia, e sua paz deve ser cultivada nas fundações da liberdade política." E não demorou muito para que suas palavras se concretizassem, já que em 6 de abril de 1917, os Estados Unidos da América declararam guerra à Alemanha.

A partir de então os americanos iniciaram uma forte propaganda para recrutar

homens para a guerra. Inclusive, foi neste momento que o famoso Tio Sam foi popularizado nos EUA, ilustrando cartazes que diziam “Eu quero você para o exército norte-americano”. Foi assim que os EUA conseguiram recrutar milhares de soldados para guerra, e quando pisaram na Europa com homens descansados, armados e bem estruturados, venceram batalhas decisivas. No dia 11 de novembro de 1918 foi assinado o Armistício de Compiègne, o tratado que garantia a retirada dos alemães dos campos de batalha e a vitória da Tríplice Entente. No ano seguinte, as punições impostas à Alemanha foram definidas pelo Tratado de Versalhes. 



Americanos entram na Primeira Guerra Mundial

Propaganda se popularizou e atraiu soldados para a Primeira Guerra



I WANT YOU
FOR U.S. ARMY
NEAREST RECRUITING STATION

Garoto propaganda

Se você não sabe quem foi, ao menos já ouviu falar do Tio Sam, inclusive por meio de produtos culturais.

Seu verdadeiro nome é Samuel Wilson (1766-1854), e se tornou internacionalmente conhecido a partir da Primeira Guerra como símbolo do poder e da força norte-americana.

Engana-se quem pensa que ele foi um herói de guerra, na verdade, era um comerciante que fornecia carne para o exército norte-americano durante a Guerra Anglo-Americana, em 1812. Nos barris em que eram armazenadas as carnes havia as iniciais “U” e “S”, referentes a United States. Porém, os soldados brincavam dizendo que na verdade, a comida era enviada pelo Uncle Sam, Tio Sam. Em 1870, ele ganhou forma quando foi desenhado pelo cartunista Thomas Nast, com roupas da cor da bandeira do país e o rosto com a fisionomia de Abraham Lincoln — herói nacional que aboliu a escravidão. Durante a preparação norte-americana para ingressar na Primeira Guerra, foi utilizado como propaganda para atrair jovens para o exército. E não é que deu certo?

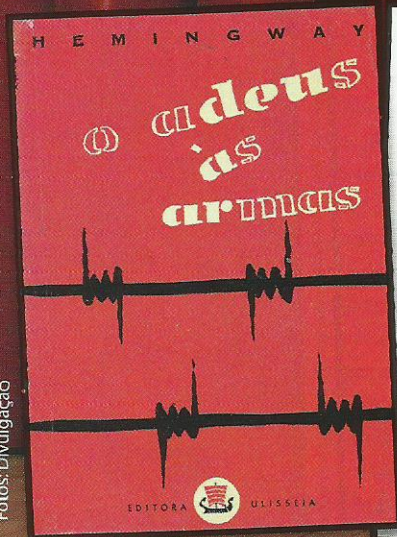
A arte da necessidade

“O que você não sabe é que esse azul é celeste. Acho que foi Yves Saint Laurent que fez jaquetas militares azuis-celeste. O azul representa milhões de dólares e incontáveis trabalhos, e é meio cômico como você pensa que fez uma escolha que a exime da indústria da moda (...).” A “bronca” de Miranda Priestly para sua nova secretária Andrea é ficcional, mas a vilã do filme *O Diabo Veste Prada* foi, no mínimo nesta cena, sensata. No time dos nada antenados com os assuntos de moda, dificilmente se pensa sobre a in-

fluência dos acontecimentos históricos em sobre o que se veste.

No campo da cultura, tal influência é explícita na música, literatura e nas artes visuais. Ernest Hemingway, por exemplo, deslocou para a ficção sua experiência na Primeira Guerra, ao publicar, em 1929, a obra *Adeus às Armas*. Frederic Hendry, o protagonista, é um motorista de ambulância da cruz vermelha, quando é ferido em combate e acaba se apaixonando pela enfermeira por quem foi cuidado. O próprio Hemingway se alistou para combater na Grande Guerra, onde conheceu Agnes, sua amada da vida real. Tudo seria perfeito como no romance, não fosse pelo fato de Agnes ter conhecido um oficial Italiano e optasse pelo ragazzo em vez de retornar com o escritor para os Estados Unidos.

Enquanto isso, o escultor e poeta Marcel Duchamp usava sua obra *Roda de bicicleta* para manifestar a ironia perante a deflagração da guerra que se iniciou em 1914. Ora, se o conflito teria se originado a partir da razão e por meio da racionalidade, por que então seu resultado fora tão bárbaro, no sentido mais literal? Duchamp criou uma roda de bicicleta sobreposta a um banco, inutilizando as duas funções para os obje-



Texto: Tatiana Santos

Fotos: Divulgação

Patentes da trincheira

Algumas invenções só foram pensadas para suprir as necessidades durante o período sangrento de batalhas na Europa

Zíper

Botões, colchetes, fivelas, amarrações, e tudo combinado para formar um sistema efetivo de “lacre” para as roupas dos militares. Gideon Sundback acabou desenvolvendo o zíper, que facilitou a vida dos soldados — e a nossa.

Eles criaram, inovaram e levaram à reflexão, todos inspirados pelas batalhas da Grande Guerra. Conheça os criadores e as criaturas que sofreram influência do período e marcam presença no século 21

tos isolados, introduzindo a ideia de ready made (termo cunhado pelo artista para designar tais objetos criados por ele).

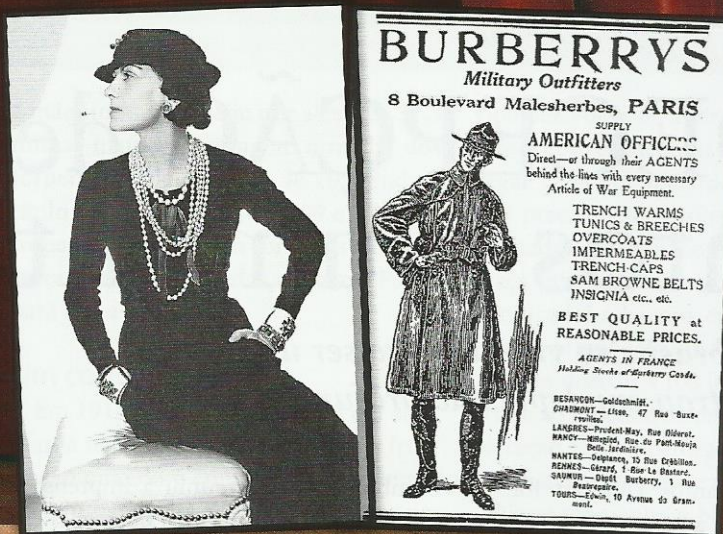
Vacas magras

Bem, enquanto, de maneira explícita, subentendida ou provocadora, as batalhas se manifestam nos produtos palpáveis ou não, o guarda-roupa também denuncia um momento. A começar por estilistas que foram convocados para lutar e se viram forçados a encerrar as atividades em seus ateliês — foi o caso de Paul Poiret, criador do estilo bo-ho (boêmio chique) e Jean Patou, revolucionário da moda praia.

Os homens foram para o front. As mulheres assumiram seus papéis, e neste momento as cortinas são abertas para Coco Chanel e Madeleine Vionnet. Logo, saem as cores perpetuadas até então por Poiret e entra a sobriedade de Chanel. Há quem pense que tanto o uso de cores, quanto o uso de calças para as mulheres é apenas crédito vanguardista da estilista. Também, entretanto, o contexto foi imperativo para que os uniformes se popularizassem, assim como as calças e macacões.

Com o dinheiro curto, encurtaram-se também as peças. As saias passaram a ser

usadas um pouco mais acima do tornozelo, a sarja se popularizou por ser um material barato e versátil, com o qual poderia se produzir diferentes modelos. Da Grande Guerra, surgiram também os clássicos trench coat (casaco de trincheira), idealizado em 1917 pelo estilista Thomas Burberry para proteger os soldados britânicos, e a jaqueta aviador (que voltou à tona com Tom Cruise exibindo take sim, take não, o modelo no filme Top Gun), projetada também em 1917 para proteger os soldados da força aérea norte-americana contra o vento, já que os aviões eram abertos. **H**



Fotos: Divulgação

Absorventes íntimos

Mais baratos que o algodão, o material foi adotado para estancar ferimentos nos hospitais de guerra. As enfermeiras observaram que poderiam fazer bom uso daquele produto pelo fato de poderem descartá-lo, o que não acontecia com as toalhinhas higiênicas.

Salsicha vegetariana

Ela foi bem aproveitada pelos defensores da causa, mas surgiu mesmo devido à grande escassez de alimentos, que impulsionou o alemão Konrad Adenauer a criar uma mistura de ingredientes disponíveis, como a soja, que ele batizou de "salsicha da paz".

Aço inox

Harry Brearley foi o responsável por pesquisar um material que não sofresse com a ferrugem, para produzir novas armas. Pensando que havia fracassado, jogou fora algumas amostras em forma de talher, e o resto é história contada em todo restaurante ocidental.

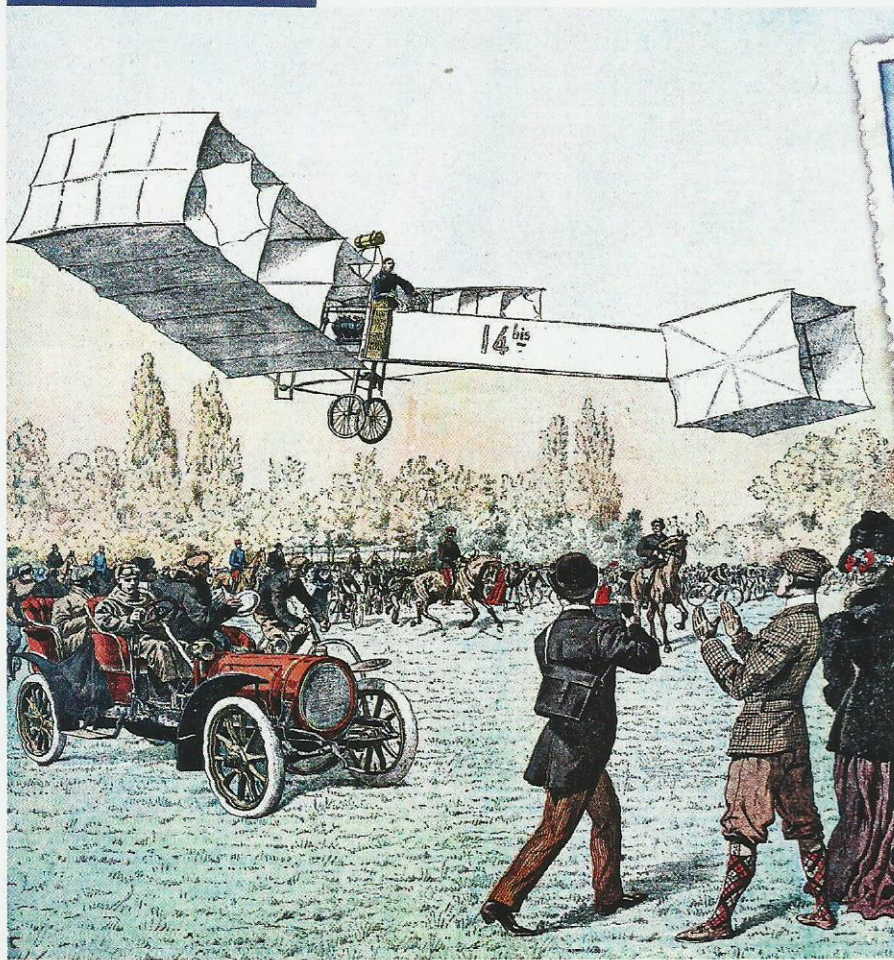


Foto: Thinkstock/Getty Images



Foto: Shutterstock

A DECEPÇÃO de Santos Dumont

O avião brasileiro viu sua obra ser usada para matar, e entrou em depressão profunda

Alberto Santos Dumont foi o primeiro a fazer um voo público de avião, apesar de indícios mostrarem que ele não foi o inventor da máquina e, sim, os irmãos norte-americanos Orville e Wilbur Wright. No dia 17 de dezembro de 1903, os irmãos e patenteadores da invenção utilizaram um trilho para lançar o avião – e não é que deu certo? Mas somente três anos depois a sociedade tomou conhecimento da invenção de uma máquina mais pesada que o ar, quando na tarde do dia 23 de

outubro, Dumont reuniu a imprensa e populares no campo de Bagatelle, em Paris, para que presenciassem o voo do seu 14 bis. O aeroplano alcançou três metros de altura e percorreu a distância de 60 metros.

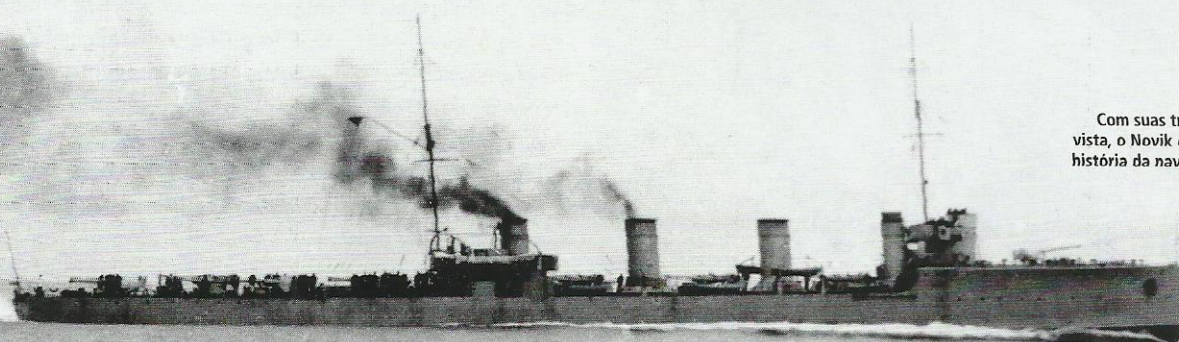
Mas, para o desespero do avião brasileiro, em 1911 sua obra foi utilizada pela primeira vez em uma situação de conflito, em uma missão de reconhecimento executada pelo exército italiano, durante a Guerra Ítalo-Turca. Não demorou muito e o avião consolidou-se como uma ferra-

menta certa durante a Primeira Guerra Mundial. Inicialmente, os pilotos apenas faziam missões de reconhecimento, mas logo começaram a jogar granadas, lanças e objetos de seus aviões. Com o passar dos anos, novas tecnologias foram desenvolvidas, de modo que criaram aviões específicos para o conflito, assim como novas armas. Em 1915, surgiu a metralhadora frontal e, com isso, os pilotos não ficavam mais com as armas na mão, enquanto davam coordenadas de voo – um verdadeiro caos.

Retrocedendo um pouco, em 1910, Dumont, morando na França, parou de voar devido à esclerose múltipla e a partir de então passou a dedicar-se ao estudo da astronomia. Como usava muitos aparelhos de observação, foi acusado de espionagem e chegou a ser preso. Esclarecido o incidente, o governo francês desculpou-se formalmente, o que não impediu que nascesse no avião a vontade de retornar ao seu país. A partir de 1915, Dumont retornou ao Brasil vítima de uma profunda depressão, e passou a alternar sua estadia entre Paris e o Rio de Janeiro. No ano de 1926, o avião pediu à Liga das Nações para que se impedisse o uso de aviões como armas de guerras. Na ocasião, chegou a oferecer dez mil francos para quem escrevesse a melhor obra contra a utilização de aviões na guerra. A tristeza tomou conta definitivamente da vida de Santos Dumont e, no dia 23 de julho de 1932, aos 59 anos ele se suicidou. Coincidência ou não, nesta data acontecia a Revolução Constitucionalista, episódio em que aviões também foram usados como arma, fato que pode ter agravado o estado de saúde do avião. 

AVANÇO sobre as ÁGUAS

A exemplo de outros países, a Grande Guerra também possibilitou à Rússia o passaporte para o rol de países tecnologicamente avançados, nos primeiros anos do século 20



Com suas três turbinas à vista, o Novik entrou para a história da navegação russa

Aos alemães, submarinos. Aos ingleses, tanques. Aos russos, o mérito tem nome: Novik. Símbolo da revolução naval, a embarcação se diferenciou das demais que, até então, eram divididas em subclasses de torpedeiros e contratorpedeiros – os primeiros com minas e torpedos de grande porte; os segundos com baterias de artilharia pesada.

Em 1911, militares e civis curiosos reuniram-se em São Petersburgo para acompanhar o teste com o navio que gerava expectativas.

Vamos aos números. Além de contar com armamento potente – quatro tubos de lançamento com canos gêmeos, que poderiam lançar oito torpedos de uma só vez, e quatro canhões de disparo rápido – o Novik contava com popa altamente equipada para assentar até 50 minas. Quando o assunto é velocidade,

a máquina se destacou por alcançar 37,3 milhas náuticas, enquanto a média dos torpedeiros alemães era de 20. Ainda a título de comparação, os V99 e V100 da tropa alemã contavam com dois tubos de lançamento de torpedos a menos. Ponto para os russos!

Um contra dois

Em 1915, a fama dos alemães em alto-mar já não era pequena. Imagine a frustração quando o contratorpedeiro russo atingiu os irmãos V99 e V100, durante uma batalha no Báltico. Ousados, os alemães tinham como alvo a frota russa, começando pela limpeza dos caminhos, retirando as minas para adentrar pelo golfo. Como não conseguiram passar despercebidos, foram atingidos a uma distância de 5,5 milhas náuticas, obrigando os alemães a traçarem um plano B. Mesmo contra-atacando de maneira

violenta, voltaram a ser atingidos. O V99 teve o convés incendiado e passou a navegar cada vez mais devagar, de modo que precisou ser protegido pelo irmão. De nada adiantou: com a cortina de fumaça que se formava, a embarcação, já danificada, esbarrou em uma carga no campo minado e afundou.

Antes disso, o V100 já estava submerso, já que no processo de respaldo à outra embarcação, foi bombardeado e não teve resistência suficiente para se manter navegando.

Neste momento, o Novik entrava para a história, com suas três turbinas poderosas a vapor e um legado marcado por sua participação nas Revolução Russa e Guerra Civil de 1920. Como um bom soldado de guerra, teve apogeu e fim: chocando-se com uma mina em 1941, enquanto vigiava o cruzador Kirov na Estônia, o contratorpedeiro consagrou-se como um tesouro dos mares. 

SEXO ♀ FORTE

A História pode omitir, mas as mulheres foram mais do que enfermeiras durante a Primeira Guerra

Desde que há guerra, há homens e mulheres! Embora praticamente esquecidas na história das batalhas, não é de hoje que o sexo feminino vai, literalmente à luta, e trava um combate com dois inimigos: o lado oposto e o machismo.

Pra começo de conversa, é importante ressaltar que elas estavam presentes, sim, como mostram os livros e filmes, exercendo funções de enfermeiras, atrás das linhas de combate vendendo carnes e bebidas aos soldados e providenciando serviços sexuais. Todas essas experiências engrandeceram o número de mulheres que participaram, direta ou indiretamente, da Primeira Guerra Mundial.

Desmentindo muitos especialistas de história militar, que teimam em afirmar que as mulheres não tiveram papel de destaque em combate, basta citar Hannah Snell (mas pode chamá-la de James Grey). Nome pouco conhecido em terras brasileiras, se arriscou nas campanhas Franco-Britânicas do século 18, assumindo o nome de seu cunhado e indo para os campos de batalha travestida como homem. E o que começou a cerca de 3000 a. C., na Idade do Cobre com as guerreiras chamadas de Amazonas, se estendeu até, exatamente, 1914...

A soldada

O termo pode causar estranhamento, mas passou a constar recentemente no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa. Nada mais justo, já que as mulheres estiveram nas trincheiras há muito mais tempo. Diz-se que agosto, verão na terra da Rainha, teria inspirado Flora Sandes a abandonar sua carreira como secretária e se juntar a milhares de mulheres que haviam se alistado ao serviço militar.

Sua trajetória começa em 12 de agosto de 1914, quando deixou Londres e rumou para a Sérvia para trabalhar como enfermeira, por três meses, no hospital de Kragujevac. Lá, sete enfermeiras trabalhavam em condições precárias, sem suprimentos, por diversas horas seguidas. No fundo, e como humanista nata, Flora acreditava que estava ali cumprindo seu papel. De volta a Londres depois de sua temporada como enfermeira, encheu sacolas com gaze, algodão e medicamentos e retornou à Sérvia, com o material a ser doado ao hospital dos reservistas.

Depois da virada do ano, em 1915, se deparou com

Oficialmente a primeira mulher a participar da Grande Guerra, Flora Sandes sofria bullying por usar vestidos e sandálias



uma posição de cuidados militar na qual, até então, mulheres eram expressamente proibidas, mas como já é de se imaginar, persistiu até que fosse aceita como assistente, realizando curativos, na Segunda Infantaria da Macedônia Ocidental. Passado, aproximadamente, um mês depois de sua chegada, o exército decidiu partir em retirada para a Albânia, criando o ponto de virada na carreira de Sandes. Perguntada se gostaria de permanecer como soldada representando a Inglaterra ou retornar para servir no hospital, deu a resposta óbvia. E lá foi a soldada, não sem medo, mas tão preparada a ponto de que sua fama chegasse a Londres antes mesmo que pudesse retornar. Como escreveu em seu diário, “parecia muito bom para ser verdade”.

Com o tempo, adquiriu autoridade sobre os demais e por ser oficialmente a primeira mulher a participar da Grande Guerra, a ex-secretária e ex-enfermeira abriu as portas para que muitas seguissem seu caminho.

Sem flores para Flora

Apesar de “inusitado” ou “surpreendente”, o fato de uma mulher estar nos campos de batalha não diminui o contexto de guerra. Flora sofreu com o fogo cruzado, e não foi pouco. Também, em 1915, foi atingida no braço direito por uma bomba e recebida pelo médico de um jeito nada agradável. Enquanto ouvia os choros, o homem pedia para que ela calasse a boca e se lembrasse de que era uma militar. Com a língua afiada, replicou, argumentando que poderia se dar ao luxo de chorar, afinal, havia feito muito, mas muito mais do que outros haviam feito.

Entre tiros, havia espaço para vestidos e sandálias, embora o estereótipo de feminilidade não fosse bem aceito pelos demais soldados. Para pregar “uma peça”, decidiu abandonar a farda por um dia e usou um vestido que um amigo da tropa obtivera por empréstimo. Depois, Sandes escreveria: “eles não quiseram falar comigo quando me vesti daquele jeito, imploraram para que eu colocasse o uniforme e voltasse a ser um deles novamente” – em suma, um fragmento de uma história que reflete igualdade contraditória.

Nudez castigada

O enredo de Mata Hari se assemelha ao de Flora Sandes por um único detalhe: a Primeira Guerra. Exceto pelo elo, não seria errado afirmar que as duas viveram em estilos bem diferentes. Fuzilada em praça pública, Margaretha Geertruida Zelle, que um dia despertaria Mata Hari, nasceu em um agosto, especificamente no dia 7 do ano de 1876, na Holanda. Registros à parte, o que gostava de espalhar era uma suposta descendência indiana. Na verdade, a dançarina era casada com o holandês Rudolph McLeod, com quem mais tarde se mudaria para a Indonésia, contudo, tornou-se vítima de violência doméstica. Para completar o quadro desolador, ela, mãe de dois filhos, perdera o mais novo em uma tragédia dentro de sua própria casa – quando o pequeno Norman, aos três anos, foi envenenado pela babá. O marido, que estava em serviço militar, foi obrigado por seus superiores (que tomaram conhecimento do caso) a retornar com a família para a Holanda, fato que só piorou a situação para a mulher, até então, em condição de submissão.

Fascinada pelas artes, Mata Hari logo descobriu que poderia seduzir pela dança



Foto: Divulgação

O primeiro ato termina com o abandono por parte de McLeod, que se isenta da responsabilidade financeira sobre a esposa e a filha, obrigando as duas a irem morar com uma tia de Mata Hari. Contudo, chega o momento em que a parente pede que a sobrinha vá embora e o único destino acessível, com pouco dinheiro e uma criança, foi o olho da rua. Por fim, até a filha é tomada de suas mãos, o que acaba definindo seu destino trágico.

Personagem berlinense

Eis que Mata Hari decide ir para Paris, refém de uma fixação pela cultura indiana e com certa inclinação para as artes. Foi assim que passou a realizar shows de dança erótica, onde foi conquistando admiradores cujos olhos brilhavam ao ver os traços daquele rosto tão diferente aos olhos europeus. Não faltavam convites para que se deitasse em troca de riqueza e luxos e ela chegou a abdicar daquela crescente ascensão para se unir a um rico banqueiro. Contudo, após a morte do

amante, voltou a dedicar-se aos palcos e o sinal de seu retorno seria uma temporada de shows em Berlim. Deu azar: Francisco Ferdinando havia sido assassinado e se iniciava a Grande Guerra.

Com os planos cancelados, a artista até tentou retornar a Paris, mas acabou barrada e forçada a retornar à Holanda. Na segunda tentativa, escolheu o caminho por Londres, mas não teve permissão para entrar enquanto, em suas costas, já se levantava a especulação de que poderia ser uma espiã de guerra. O boato começou depois de a própria ter viajado ao Egito e, na ocasião, concedido entrevista a um jornalista que noticiara o perfeito alemão falado por Mata Hari, sem ausência de sotaque (deixando subentendido que, na verdade, a dançarina era alemã). Foi o que bastou para que franceses e ingleses abrissem os olhos para a possível delatora.

Foi por amor

Entre idas e vindas entre Paris e Londres, a pseudo-espiã passou a ser observada de longe. Contudo, Mata Hari era visceral quando o assunto era paixões e, depois de ter se envolvido com magnatas e influentes, viu-se entregue ao oficial russo conhecido como Maslov, isso já em 1917. Seu grande amor havia se ferido em batalha, sendo transferido para tratamento na cidade francesa de Vittel. Apaixonada, seu maior desejo naquele momento era permanecer na França junto a Maslov, porém, sob suspeita, foi “convidada” pelo Capitão Ladoux, do serviço de contra-espionagem, a retornar à Holanda e sossegar por lá. Mata Hari protestou e conseguiu um acordo: poderia ficar, desde que colaborasse com o serviço secreto francês.

Na verdade, estava sendo testada, tanto que recebeu uma missão para entregar instruções na Bélgica a oficiais franceses que nem existiam! Tudo para colocá-la sobre prova já

que passaria por Madri e provavelmente esbarraria em agentes alemães, muito comuns por lá. Se fosse mesmo uma agente alemã, os franceses descobririam. Em Madri, encontrou-se com militares da embaixada da Alemanha e seguiu para Lisboa, seu caminho para chegar ao inicial destino, a Bélgica.

Na baldeação, foi interceptada e vista-riada por ordem de Ladoux, até ser constatado que não estava mais com as cartas destinadas aos agentes franceses, que supostamente a esperavam em Bruxelas. Agora, o comandante francês tinha quase certeza de que a dançarina era espiã alemã.

Mandada de volta para Madri, não teria como se manter. Ainda apaixonada, queria retornar à França. A alternativa foi pedir ajuda à embaixada Alemã — erro crasso! O principal quartel alemão enviou um telegrama à embaixada, autorizando o pagamento à Mata Hari, que deveria receber o dinheiro em Paris. Neste ponto, há informações conflitantes: alguns historiadores revelam que a mensagem foi enviada propositalmente, em um código já descoberto pelos franceses, para que estes tivessem ciência de que a dançarina estaria trabalhando para o serviço alemão e fosse, então, desmascarada. Outra vertente de pesquisas omite a informação, mas o fato é que a mensagem realmente chegou aos ouvidos dos militares franceses, que já não tinham dúvidas sobre a deslealdade da jovem sedutora. Até porque, Mata Hari retornou a Paris, confirmando (aos olhos dos homens da França) que fora receber o pagamento prometido. Foi parar no júri de guerra.

Um processo foi aberto em julho daquele ano, enquanto a dançarina aguardava seu destino em cárcere. Se é verdade que Ladoux sabia que o telegrama sobre o pagamento havia sido obra dos alemães, o comandante calou-se e não informou (uma vez que, como bons agentes, os franceses saberiam que uma mensagem no código antigo só poderia ser armação). Em 15 de outubro, o veredicto a levou para o fuzilamento, embora o processo tenha sido tendencioso. Hoje, conclui-se que Mata Hari foi condenada não por sua suposta colaboração como agente-dupla e, sim, por ser uma mulher sedutora e seduzida por dinheiro, amores e fama. 

Com curvas e olhar penetrante, a dançarina foi capaz de atrair poderosos líderes de guerra



Fogo onipresente

Além da avançada tecnologia marítima, os exércitos contavam com novidades para combater em terra e eram coroados pela luta no ar

A esta altura, você já deve saber que o conflito trouxe inovações, para o bem e para o mal, como os gases tóxicos e o zéper. No entanto, quando se fala de Grande Guerra, não se pode, simplesmente, ignorar as trincheiras. Novidade no universo bélico, são, por vezes, responsabilizadas pela lentidão do fim do conflito – poucos quilômetros eram avançados ao longo dos anos, por ambos os lados. E, para complicar, os soldados ainda precisavam olhar para o alto e encontrar artifícios para se livrarem dos bombardeios aéreos.

Foto: Thinkstock / Getty Images

Pé na lama

A construção de trincheiras consistia em realizar trabalhos de escavação, possibilitando o tiro, a proteção e a locomoção dos soldados longe dos olhos do inimigo. Se, por um lado, as trincheiras garantiam certa blindagem, por outro, meses se passavam sem uma ofensiva, estendendo os conflitos.

Como, de modo geral, ficavam longe das bases militares, as trincheiras formavam um ambiente insano e insalubre. Contando com dois metros de profundidade e 1,80 metro de largura, também acomodavam sacos de areia para garantir proteção extra. Para atirar, os sentinelas contavam com um degrau de meio metro, em que se apoiavam. Contudo, a manobra era arriscada: mesmo que levantasse a cabeça nas alturas do olho, apenas para encontrar a localização do inimigo, um sentinela já corria o risco de ser atingido.

Como já é de se imaginar, não havia nem cheiro de luxo. Os soldados escavavam

buracos para que fossem usados como banheiro, mas até mesmo as crateras formadas por bombas eram utilizadas na hora do sufoco. Embora a proteção subterrânea protegesse contra o fogo, nada podia ser feito quando a chuva vinha. Uma camada grossa de lama se acumulava no chão das escavações, isso quando as mesmas crateras usadas como sanitário não se enchiam de água, o que representava armadilhas a qualquer um que ali caísse. Outro desagradável aspecto era a proliferação de bichos nas valas formadas – um verdadeiro inferno na terra! 



Enquanto isso, nos céus...

Não que a situação fosse menos terrível, afinal, a qualquer momento um piloto poderia ser abatido e, ainda por cima, sua morte renderia prêmio ao inimigo. É que, durante a Grande Guerra, aquele que derrubasse mais alvos ganhava o título de *As*, premiação criada pelo governo francês para motivar seus pilotos. Para isso, os franceses deveriam levar ao chão cinco aviões inimigos. A Alemanha gostou da ideia e resolveu premiar aquele que abatesse inicialmente oito e, posteriormente, 16 aviões. Para os britânicos, "bastavam" oito adversários atingidos. Foi neste contexto que se consagrou Manfred Von Richthofen, o Barão Vermelho, depois de ter abatido 60, ou melhor, 70, na verdade, 80 aviões aliados!

A popularização dos caças de guerra criou amantes e colecionadores das históricas aeronaves. O Fokker D-7, por exemplo, ganhou fama depois de ser consagrado como o melhor caça biplano, enquanto o Albatros DIII era imbatível na categoria escolta, permitindo notável superioridade ao Serviço Aéreo Imperial Alemão.



Fotos: Divulgação

Texto: Tatiana Santos

Considerados a maior força animal nos campos de plantio, o envio de cavalos para a guerra contribuiu para a crise europeia



Menos OITO MILHÕES

A morte de cavalos durante a Grande Guerra resultou em terríveis danos à agricultura europeia

Os cavalos estão entre as vítimas do genocídio ocorrido na Primeira Guerra Mundial. Pesquisadores calculam que cerca de oito milhões de equinos morreram nos campos de batalha, mas o que muitos não sabem diz respeito à importância que estes animais tiveram no conflito. No início do século passado, quando a tecnologia se desenvolvia vagarosamente, os cavalos foram fundamentais para detectar bombas, patrulhar, enviar mensagens, resgatar vítimas, transportar alimentos, armas e até mesmo mortos. Diferentemente dos conflitos anteriores, na Primeira Guerra eles deixaram o front da batalha e atuaram nos bastidores, o que não impediu que fossem dizimados sendo que, a cada duas vítimas fatais do confronto, um cavalo morreu.

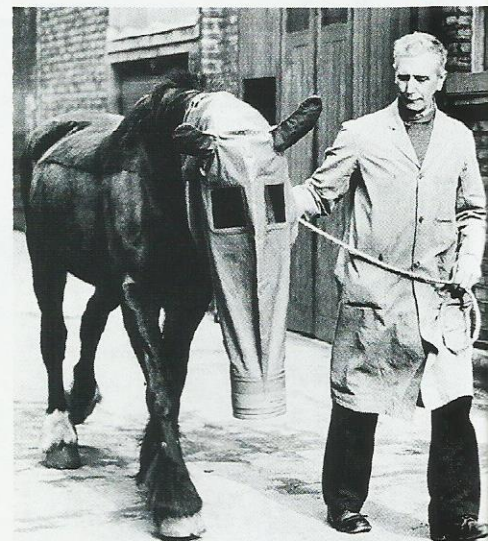
Assim como os soldados, os cavalos também foram convocados para irem à guerra. Na França, por exemplo, havia uma lei que autorizava o governo a tomar os animais para servir o país durante conflitos. Em 1914, os alemães enviaram um milhão de equinos aos campos de batalha, os ingleses cerca de 1,2 milhão e os franceses mais de 1,5 milhão. Além disso, os outros países que participaram da guerra enviaram, juntos, quatro milhões de cavalos.

Os equinos representavam armas de guerra para os exércitos, por isso, as nações investiram milhões para adquirir mais deles, à medida que os cavalos morriam no conflito. De modo que os franceses investiram 139 milhões de dólares na compra de cavalos norte-americanos, enquanto os ingleses desembolsaram 337,5 milhões de dólares. As perdas

eram tantas que os exércitos recorreram aos países da América do Sul, com isso, os ingleses importaram cinco mil cavalos uruguaios e os franceses 70 mil equinos argentinos. A princípio, a intenção era comprar ainda mais cavalos desses países, porém, os animais não suportavam a longa viagem até a Europa e a mudança brusca de temperatura.

E os cavalos não foram apenas vítimas de tiros e bombas, muitos deles foram abandonados, sacrificados ou morreram de fome. No auge do conflito, eram necessárias mais de 3.750 toneladas de aveia diárias para alimentar os animais que estavam no conflito.

Passados os quatro anos de conflito, teria chegado a hora de calcular as perdas. A situação era alarmante nos campos de plantações da Europa, a mão de obra era escassa devido à morte de 15 milhões de soldados, e os cavalos que sobreviveram ao conflito (até então eram a maior força animal usada na agricultura) estavam debilitados, doentes, magros e fracos. Para se ter uma ideia, estima-se que 80 % dos cavalos franceses morreram na guerra. O resultado foi a fome que atingiu diversos países do continente. A Alemanha sofreu com o bloqueio imposto aos perdedores da guerra pelo Tratado de Versalhes, e também estava sem animais e homens, fatores que resultaram na morte de mais de 700 mil alemães. Já na Rússia, cerca de 5 milhões de pessoas foram atingidas pela fome, nos anos posteriores a guerra.



Assim como os soldados, os cavalos também usaram máscaras para não inalar gases tóxicos

TRÉGUA FESTIVA

Na véspera natalina, o fogo cessa e, ao som de Noite Feliz, soldados selam a paz que durou seis dias

Seria um dia típico de Natal, não fosse o fato de ingleses, franceses, alemães e escoceses enfrentarem uma sangrenta guerra. Era o ano de 1914, na região de Ypres, na Bélgica. Durante o dia, a guerra acontecia violentamente e os soldados atiravam de suas trincheiras a fim de acertar os inimigos que estavam na trincheira mais próxima: muitos morreram naquela véspera de natal. À medida que o sol se punha, o intervalo entre os tiros diminuía, sob o frio e a neve os soldados abriram os presentes que haviam recebidos da família, e a emoção passou a tomar conta das linhas de frente. Mais tarde, os ingleses escutaram os alemães animados cantando Stille Nacht, Heilige Nacht. Não conheciam a letra, mas logo reconheceram a comovente canção pelo ritmo, tendo a certeza de que era Noite Feliz, chamada pelos ingleses de Silent Night. Não demorou muito e os alemães pediram o cessar-fogo, quando, sem hesitar, todos os soldados apoiaram a ideia, de modo que, ao longo de toda a frente ocidental – que se estendia do mar do Norte aos

Alpes suíços, cruzando a França – as armas foram abaixadas.

A trégua estava decretada, mas a ordem de paz que durou seis dias não veio dos generais do front, surgiu espontaneamente dos soldados. Foi assim que a véspera do Natal foi comemorada nos campos de batalha, no primeiro dos quatros anos do conflito. As diferenças foram deixadas de lado, e o espírito natalino de amizade e compaixão uniu inimigos que cearam juntos, compartilhando memórias e fotos da família que haviam deixado para trás e a esperança de um dia reencontrá-los. Contentes, esqueceram por alguns momentos toda a tristeza que uma guerra pode proporcionar, pois sabiam que alguns amigos não voltariam mais para casa.

Nos próximos dias, a animação contagiou os soldados, o cenário de guerra deixou de existir. Uma bola improvisada garantiu a diversão em uma partida de futebol. Sabiam que precisavam aproveitar ao máximo aqueles poucos dias de sossego pois, em breve, o cenário de destruição e morte estaria de volta. 

Fuzil x bola

O Conselho Europeu deve se reunir em Bruxelas, capital da Bélgica, no segundo semestre de 2014. Antes disso, os líderes de cada nação envolvida na guerra terão um compromisso menos burocrático, para celebrar os cem anos do jogo de futebol que parou a Primeira Guerra. Michel Platini, presidente da Uefa (Union of European Football Associations – em tradução livre, União das Federações Europeias de Futebol), decidiu convidar os governantes para uma cerimônia comemorativa, com direito a um monumento que deve ser erguido no campo em que aconteceu a partida emblemática, nas redondezas das cidades de Ypres e Comines-Warneton. A celebração está pré-agendada para 17 de dezembro e, como Platini gosta de reforçar, “será o momento de lembrar um capítulo importante na construção da unidade europeia, que serviu como exemplo para os jovens da atualidade”.

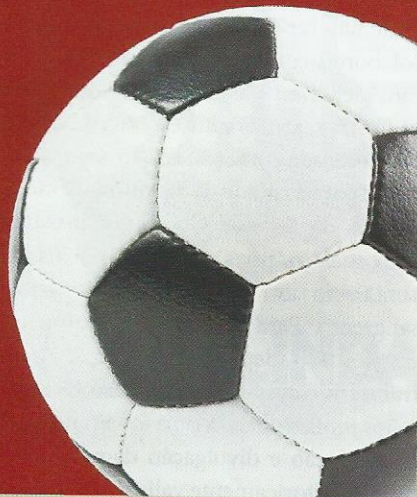
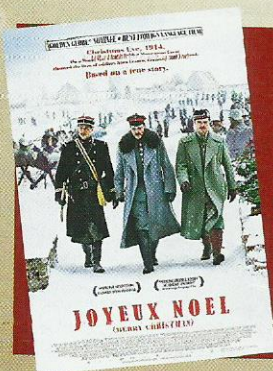


Foto: Thinkstock/Getty Images

Foto: Shutterstock

TEXTO: Isadora de Oliveira/Colaboradora

Foto: Divulgação



Trégua na tela

A trama da confraternização, em 1914, nos fronts da Primeira Guerra Mundial é contada no filme Joyeux Noël. O drama de guerra foi traduzido para o português como Feliz Natal (2006) e conta a comovente história dos soldados alemães, ingleses, escoceses e franceses que cessaram fogo durante a 1ª Guerra Mundial para celebrar a ceia Natal. A veracidade do filme é evidenciada com a interpretação dos atores, que assumem os idiomas dos próprios soldados que participaram da guerra.